



**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA "SÃO PAULO"  
Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 3.607 - D.O.U. nº 202 de 20/10/2005

Jéssica Tormim Ferreira

REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE LUTO NO VIRTUAL

Palmas – TO

2016

Jéssica Tormim Ferreira

REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE LUTO NO VIRTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Fabiano Fagundes

Co-orientador: Prof. M.e Pierre Soares Brandão.

Palmas – TO

2016

Dados internacionais da catalogação na publicação.

Ferreira, Jéssica Tormim  
F383r      Revisão sistemática sobre luto no virtual / Jéssica Tormim  
Ferreira – Palmas, 2016  
66 fls., 29 cm. il.

Orientação: Profº. M.e Fabiano Fagundes  
TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Psicologia - Centro  
Universitário Luterano de Palmas. 2016

1. Luto. 2. Internet. 3. Luto virtual. I. Fagundes, Fabiano  
.II. Título. IV. Psicologia.

CDU: 159.9.019.4

Jéssica Tormim Ferreira

REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE LUTO NO VIRTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Fabiano Fagundes

Co-orientador: Prof. M.e Pierre Soares Brandão.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. M.e Fabiano Fagundes  
Orientador  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof.<sup>a</sup>. Cristina D’Ornellas Filipakis  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof.<sup>a</sup>. Almerinda Maria Skeff Cunha  
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2016

## RESUMO

FERREIRA, Jéssica Tormim. **Revisão Sistemática sobre luto no virtual**. 2016. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2016.

A morte, desde as culturas mais antigas, sempre foi abominada pelo homem e, provavelmente, sempre será. Analisar as fases que consistem o luto e todos os efeitos na pessoa enlutada pode possibilitar um melhor entendimento das reações e comportamentos tão comuns neste momento. A comodidade oferecida pelas redes sociais tornou comum o fato de pessoas preferirem utilizá-las ao enviar recados, deixar suas opiniões e, até mesmo, prestar seus sentimentos em momentos de luto, facilitando o contato com a pessoa enlutada. Desta forma, surge o que se pode chamar de “luto no virtual”, quando os indivíduos utilizam estes perfis para expressar que se encontram em processo de luto. Este trabalho buscou verificar, através do método de pesquisa Revisão Sistemática, as consequências que este contato traz ao enlutado, bem como os benefícios ou malefícios oriundos desta maneira de lidar com a dor do luto. Por fim, é visível a necessidade da realização de estudos que incluem a vivência da morte em ambiente virtual e os fatores psicológicos específicos deste processo, principalmente, realizados por profissionais da área da psicologia.

Palavras-chave: Luto, Internet, Luto no Virtual.

## ABSTRACT

FERREIRA, Jéssica Tormim. **Systematic review of mourning in the virtual world.** 2016. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2016.

Death, from the earliest cultures, has always been abominated by man and probably will always be. Analyzing the stages of mourning and all the effects on the bereaved person can enable a better understanding of the reactions and behaviors so common at this time. The comfort offered by social networks made it common for people to use them when sending messages, leaving their opinions and even giving their feelings in moments of mourning, facilitating contact with the bereaved person. In this way, what can be called "mourning in the virtual world" arises when individuals use these profiles to express that they are in the process of mourning. This work sought to verify, through the method of research Systematic Review, the consequences that this contact brings to the mourner, as well as the benefits or harms derived from this way of dealing with the pain of mourning. Finally, there is a need to carry out studies that include the experience of death in a virtual environment and the specific psychological factors of this process, mainly performed by professionals in the field of psychology.

Keywords: Mourning, Internet, Mourning in the virtual world

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 LUTO.....	11
2.2.1 Fases de Bowlby.....	14
2.2.2 Fases de Kubler-Ross.....	15
2.2.3 Tarefas do luto.....	19
2.2.4 O fim do luto.....	21
2.2 LUTO NO VIRTUAL.....	22
3 METODOLOGIA.....	29
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	33
5 CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE.....	62

## 1 INTRODUÇÃO

A morte, desde as culturas mais antigas, sempre foi abominada pelo homem e, provavelmente, sempre será. O fato de ligar a morte a acontecimentos trágicos, faz com que ela seja vista sempre neste contexto de surpresa, sofrimento e dor (KUBLER-ROSS, 1996, p. 14). Através deste histórico, entende-se o porquê de, na maioria das vezes e para a maioria das pessoas, a morte ser um assunto tão difícil de lidar quando ocorre próxima a qualquer indivíduo. Entender as fases que consistem este momento de luto e todos os efeitos que acarretam na pessoa enlutada pode possibilitar um melhor entendimento das reações e comportamentos tão comuns neste momento. Além disso, esta compreensão sobre o que é o luto torna possível perceber a importância da passagem e elaboração de todos os momentos que constituem este processo.

Muitas mudanças referentes a maneira de expressar o luto foram ocorrendo com o passar do tempo. Tomasi (2011) diz que na Idade Média, por exemplo, a pessoa enlutada tinha que expressar seu luto por tempo determinado, mesmo que sua dor não estivesse mais presente, porém, a partir do século XIX, essas formas de praticar o luto modificaram-se. A partir deste momento, foi possível observar que os enlutados passaram a expressar seu luto de maneira espontânea, da mesma forma que, a partir do século XX, observou-se que o luto passou a ser praticado de forma mais isolada e individual, principalmente em meio urbano.

Absorvendo as mudanças culturais e das evoluções tecnológicas da sociedade, o luto começou a ser expressado também acompanhando estas inovações. Relacionada à tal evolução tecnológica, a internet veio, posteriormente, tornando-se um meio facilitador das relações entre pessoas, bem como, da expressão de cada uma delas.

O ciberespaço, segundo Gurgel et al. (2011), é um espaço que não é físico e nem territorial, composto por uma rede de computadores onde passam todas as informações, é uma dimensão da sociedade e, inovação da mesma, onde os indivíduos podem romper as regras sociais, assim como, alterar seus valores e crenças. Neste contexto surge o “luto virtual”, pois, configuraram-se no ciberespaço relações virtuais através do anonimato. Mesmo utilizando-se de personagens ou perfis para interagir, observavam-se reações de luto, considerando

o fato de que alguns usuários poderiam desaparecer da rede, excluindo ou abandonando seus perfis ou avatares.

Posterior a este momento, no ambiente da Internet, veio a era das redes sociais, onde o anonimato foi deixado um pouco de lado e as pessoas começaram a usar suas verdadeiras identidades, inclusive, na expressão dos acontecimentos e sentimentos cotidianos. É imprescindível levar em conta que, atualmente, segundo Fagundes (2012, p. 11) vive-se em “um mundo em que não se pode perder tempo, em que a roda da vida parece girar cada vez mais rápido, em que modas e modismos ditam a necessidade de se estar coerente”.

Por consequência desta necessidade de solucionar os impasses do dia-a-dia de forma prática e rápida, tornou-se senso comum o relato de pessoas via internet. A comodidade oferecida pelas redes sociais, hoje acessadas com facilidade pelo celular, tornou comum o fato de pessoas preferirem utilizar deste meio ao enviar recados, deixar suas opiniões, indignações e, até mesmo, prestar seus sentimentos em momentos de luto, facilitando o contato com a pessoa enlutada.

Desta forma surge o que se pode chamar de “luto no virtual”, quando os indivíduos utilizam estes perfis para expressar que se encontram em processo de luto. Esta manifestação de luto pode ser considerada uma maneira de extravasar os sentimentos ou, muitas vezes, uma tentativa, mesmo que de forma ilusória, de entrar em contato com a pessoa próxima que se foi. Além disto, as redes sociais muitas vezes são vistas como meio de manter a lembrança de quem morreu, através dos momentos compartilhados nos perfis que, em sua maioria são momentos felizes de quem já se foi.

Entende-se, então, que o luto virtual é uma nova forma de expressão do luto que surgiu de acordo com os avanços tecnológicos. Partindo deste pressuposto, pode-se observar que é algo novo para a sociedade, até porque a própria tecnologia é recente. Assim, compreende-se que é possível observar as consequências que este contato traz ao enlutado, bem como os benefícios e malefícios oriundos desta nova maneira de lidar com a dor do luto, percebido através do que está disponível na literatura científica, bem como verificar como se dá a participação do psicólogo neste contexto. Identifica-se que a literatura científica, aparentemente, não apresenta muitos estudos sobre tal assunto, por isso a importância de realizar uma

revisão sistemática que aborde o luto no virtual. Além disto, permite mostrar à sociedade outra forma de encarar o luto, oferecendo o entendimento do processo que se enfrenta quando a morte acontece próxima a cada indivíduo, na tentativa de contribuir para desmistificar o processo de luto, gerador de tanto medo na maioria da sociedade.

O referido trabalho traz como problemática conhecer as possíveis expressões do luto em ambiente virtual e de que maneira, caso ocorra, a participação da psicologia é apresentada neste contexto. Como objetivos específicos estabeleceram-se: (1) pesquisar o processo de luto identificando como acontece e quais suas possíveis consequências; (2) pesquisar como se dá a expressão do luto no espaço virtual como nova forma de expressão do luto; (3) avaliar e interpretar as pesquisas encontradas sobre o tema “luto no virtual”, através da revisão sistemática de literatura científica, apresentando uma hipótese mais correta sobre o tema.

Para a Psicologia, a investigação do tema proposto tem sua importância pois permitirá observar quais os meios de participação do psicólogo no momento de luto neste novo formato, favorecendo uma melhor elaboração deste processo e, por conseguinte, a finalização do mesmo. Com isso, poderá auxiliar em possíveis intervenções do psicólogo, não só junto ao indivíduo que sofre o luto por ter perdido alguém próximo, mas, também, aquele que está passando pelo luto por si mesmo, por saber que lhe restam poucos dias de vida.

Apesar, ou por causa, da utilização da internet como meio de determinada liberdade de expressão, encontram-se também aqueles que, via de regra, não entendem o verdadeiro propósito deste tipo de extravasamento emocional. É necessário saber lidar com tal maneira de expressar o luto, porque a internet proporcionará que inúmeras pessoas entrem em contato com a dor do outro, e esta deverá ser respeitada. A forma como uma pessoa que não participa deste momento conseguirá olhar para a dor do outro, sem julgamentos, ou sem manifestações contrárias a perda, também influenciará no contexto aqui descrito.

Pensado desta forma, optou-se por realizar esta revisão sistemática entendendo que será de grande valia para proporcionar a compreensão para aqueles que desconhecem, ou mesmo, nunca se atentaram a este fenômeno, que por vezes é a apresentação daquilo que de fato se sente quando se está em processo de luto,

resultando em maior acessibilidade ao tema, sem tamanhos rodeios e receios por parte das pessoas enlutadas. Assim, torna-se possível avaliar em que nível o luto no virtual servirá de auxílio psicológico aqueles que participam dele e, a forma que poderá ser usado como ferramenta de acesso ao íntimo do indivíduo enlutado, viabilizando ou não a utilização deste recurso como facilitador na organização de possíveis intervenções do psicólogo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Luto

Compreender o luto e todo o seu processo é de fundamental importância para o psicólogo. O luto não está relacionado somente a perdas de vidas humanas. A perda de um animal de estimação, de um bem material que tem valor sentimental, a separação de um casal, ou mesmo a perda de um emprego, são vivenciadas como luto.

De igual forma, não se acompanha o luto somente em um atendimento psicológico em clínica. O luto pode alterar o rendimento escolar de uma criança ou adolescente, atrapalhar o trabalho de um profissional em uma empresa, modificar relações em grupos. Ou seja, o profissional psicólogo pode se defrontar com situações relacionadas ao luto de forma muito frequente e não se dar conta disso.

Entender o luto significa entender que o enlutado não está doente e sim passando por um processo. Segundo Feliú (2009), reage-se a dor da perda de alguém próximo passando pelo processo de luto, sendo ele a maneira como enfrenta-se tal situação e não uma doença. O luto inclui respostas fisiológicas, biológicas, psicológicas e comportamentais, fazendo parte da vida das pessoas. A aceitação da morte de alguém próximo acontece de forma gradual e lenta.

O luto é a manifestação de reações a uma perda significativa, pois há o rompimento dos vínculos que as pessoas estabelecem umas com as outras. A perda de uma pessoa significativa é uma situação altamente estressante, sendo o luto uma resposta normal de enfrentamento. Portanto, não é uma doença. É um processo e não um estado (PARKES *apud* FELIÚ, 2009, p. 20).

Feliú (2009, p. 20) atribui a “preparação para o momento, a estrutura social, a intensidade e a forma como tudo transcorreu, os fatores determinantes para a duração deste processo e as consequências que este trará, variando também conforme a cultura e a época”. Neste momento da perda, pode ser comum que os indivíduos que ficaram se sintam perdidos, principalmente em casos como quando uma família perde o pai, que na maioria das vezes é a figura de referência e segurança.

Sigmund Freud também se dedicou ao estudo sobre o luto e, em 1915, escreve o livro “Luto e melancolia”, escrito fundamentalmente sobre o eu, ou “ego”. Freud (*apud* MATOS-SILVA, 2011, p. 50) diz que “as características marcantes da pessoa enlutada são: desânimo profundo e penoso, perda de interesse pelo mundo externo, a perda da

capacidade de amar e a redução de suas atividades ao mínimo necessário”; é como se o mundo do enlutado passasse a ser pouco interessante a ele.

Em linhas gerais, o autor entende que as relações que uma pessoa estabelece são relações entre o seu próprio ego e um objeto externo. Nelas, o ego investe determinada quantidade de energia (libido) no objeto de acordo com a intensidade do laço que há entre ambos. Nas relações mais próximas, por exemplo, há grande investimento libidinal no objeto. Quando uma pessoa falece, é preciso que o ego retire a libido investida daquele objeto que já não existe mais. Isso, no entanto, não se dá imediatamente após a morte, já que há apego pela pessoa perdida (FREUD *apud* MATOS-SILVA, 2011, p. 50).

Somente em contato com a realidade o enlutado consegue, aos poucos, se desprender da pessoa falecida e começar a investir em outras atividades, até mesmo em outras relações. Desta forma, Matos-Silva (2011, p. 50), ainda considerando a produção de Freud, coloca que “o processo de luto só se torna completo quando a libido anteriormente investida no objeto perdido é devidamente redistribuída”, fazendo com que a vida do enlutado se readapte e volte ao normal, aos poucos.

Posterior a Freud, alguns autores se empenharam em estudar o luto e, assim como ele, chegaram à conclusão de que o rompimento do vínculo causado pela morte, bem como as reações e sentimentos causados por esse rompimento, pode ser considerado normal, ou seja, não são considerados patológicos. Segundo Matos-Silva (2011, p. 52), “Bowlby desenvolveu estudos baseados em Parkes, que estudou como pacientes viúvos reagiam a perda de um cônjuge no primeiro ano de luto, a partir disto propôs quatro fases que constroem o processo do luto”, sendo ele sofrido, não só pela morte de alguém próximo, mas também destinado a qualquer perda que um indivíduo possa ter. Como se pode observar neste trecho de Colin Parkes:

Quando alguém morre, uma série de concepções sobre o mundo, que se apoiavam na existência da outra pessoa para garantir sua validade, de repente passam a ficar sem essa validade. Hábitos de pensamento construídos ao longo de muitos anos precisam ser revistos e modificados; a visão de mundo da pessoa precisa mudar. (...) A perda da pessoa amada inevitavelmente cria uma série de discrepâncias entre nosso mundo interno e o mundo que agora passa a existir. Isto é verdadeiro, não apenas superficialmente (Quem vai estar quando eu chegar em casa á noite?), mas também de forma mais aprofundada, acerca das concepções básicas (Se não sou mais uma pessoa casada, o que sou, então?) (PARKES *apud* MARINHO, 2007, p. 11).

A partir disto, Bowlby (1980), um dos autores que contribuíram para a visão contemporânea do luto, considera o processo de luto adaptativo tanto para os seres humanos quanto para os animais, sendo por isso universal. Diante desta visão, Bowlby propôs quatro fases, sendo elas: entorpecimento ou choque, anseio e busca da figura perdida, desorganização e desespero, reorganização. Bowlby (*apud* MELO, 2004, p. 4)

diz que “a busca pela pessoa perdida e o choro são mecanismos de adaptação desenvolvidos visando a recuperação de quem foi perdido, tornando-se uma resposta automática e intrínseca a perda”, o que é comum, por exemplo, nas primeiras fases elaboradas por ele, onde o indivíduo que ficou ainda busca meios de encontrar a figura de vinculação perdida.

Assim como Bowlby, a psiquiatra Elisabeth Kubler-Ross (1996) também elaborou fases para o processo de luto. Seu estudo foi realizado acerca de entrevistas realizadas com pacientes em estado grave e terminais.

Quanto mais avançamos na ciência, mais parece que tememos e negamos a realidade da morte. Como é possível? Recorremos aos eufemismos; fazemos com que o morto pareça adormecido, mandamos que as crianças saiam, para protege-las da ansiedade e do tumulto reinantes na casa, isto quando o paciente tem a felicidade de morrer em seu lar; impedimos que as crianças visitem seus pais que se encontram a beira da morte nos hospitais, sustentamos discussões longas e controvertidas sobre dizer ou não a verdade ao paciente (...). Há muitas razões para se fugir de encarar a morte calmamente. Uma das mais importantes é que, hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, muito mecânico e desumano (KUBLER-ROSS, 1996, p. 19).

A partir disso Kubler-Ross (1996) definiu cinco fases pelas quais eles passam no processo de morrer: negação ou isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. Para que o luto ocorra de forma menos prejudicial é necessário que o enlutado permita-se vivenciar todas as fases deste processo. Fagundes (2012, p. 19) diz que se deve levar em conta que “estas reações não necessariamente ocorrem em uma determinada ordem lógica, ainda que se possa prever uma certa predisposição para algumas ocorrerem no início e outras predominarem mais ao fim do processo”, determinando então que não há um padrão de ordem para que o enlutado passe por essas fases.

Diferente da ideia de “fases” descrita acima, Worden prefere usar o termo “tarefa”, por ser um modelo alternativo referente a evolução do processo de luto.

“ (...) A pessoa enlutada vê o conceito de fases como algo que deve ser atravessado, enquanto a abordagem de tarefas dá ao enlutado algum sentido de alavanca e esperança de que haja algo que ele possa efetivamente fazer” (Worden, 1998, p. 51).

Marinho et al (2007, p. 29) afirma que “as fases do luto implicam certa passividade, indicando algo que o enlutado deva passar; isto fez Worden trocar o termo por “tarefas”, que implica no fato de o enlutado necessitar agir, poder fazer alguma coisa”, neste sentido percebe-se que é a pessoa que sofre com a perda e participa do processo do

luto, não sendo meramente um espectador, atuando como protagonista do seu próprio momento de luto.

Desta forma, a seguir serão apresentadas as fases e tarefas do luto, introduzidas acima, indicando os diferentes modos de descrever o momento da perda de uma pessoa próxima e, até mesmo, os sentimentos em que o indivíduo próximo a morte é envolvido. Busca-se, através desta descrição, uma melhor compreensão das reações e sentimentos que permeiam a pessoa diante do sentimento de perda e de todo o sofrimento que ela gera.

### **2.1.1 Fases do luto conforme Bowlby**

#### **1- Entorpecimento ou choque**

A primeira fase, o entorpecimento ou choque, refere-se segundo Bowlby (*apud* MATOS-SILVA, 2011, p. 5) às “reações imediatas ao momento do falecimento podendo durar algumas horas ou uma semana, e o choque, o momento em que o indivíduo desacredita no que está acontecendo e se utiliza de frases como “Não pode ser real, ou, “não posso acreditar””. Observa-se que esta fase descreve, de fato, a primeira reação à notícia da morte de alguém próximo, também que o enlutado comumente tem um estado de tranquilidade abruptamente interrompido por crises de raiva, nesta fase.

#### **2- Anseio e busca da figura perdida**

Bowlby (*apud* MATOS-SILVA, 2011, p. 53) revela que são característicos desta fase o “desânimo e momentos de aflição e choro, pois nesta fase o enlutado começa a ter real noção de que o falecimento, de fato, aconteceu” e comumente ocorrerão momentos em que o enlutado terá a sensação de que a pessoa que morreu ainda está presente em alguns sinais do cotidiano do enlutado. Decorrente desta confusão de pensamentos, Matos-Silva (2011, p. 54) diz que o “indivíduo permeia entre dois sentimentos opostos, o de racionalidade por saber que a pessoa próxima realmente faleceu e o sentimento de subjetivo (emocional), onde o enlutado não consegue acreditar no que está acontecendo”. Devido a essa confusão de sentimentos é que a realidade ainda demora a se consolidar, de fato, para o enlutado.

Bowlby (1985) menciona que a principal característica dessa segunda fase é a busca pela pessoa morta, a esperança de que a pessoa ainda pode voltar, quando muitas vezes a pessoa enlutada busca, através de religiões, algum contato com o falecido. Em seu estudo com viúvas, Bowlby cita alguns exemplos que descrevem esta busca, como:

“Eu ando a procura” ou mesmo “Vou ao túmulo, mas ele não está ali” (BOWBLY *apud* MATOS-SILVA, 2011, p. 53).

Vemos assim, que a busca incessante, a esperança intermitente, o desapontamento repetido, o pranto, a raiva, a acusação e a ingratidão são características da segunda fase do luto, e devem ser encaradas como expressões da forte permanência de encontrar e recuperar a pessoa perdida (Bowbly *apud* Matos-Silva, 2011, p. 54).

Este comportamento oscila, muitas vezes, levando o enlutado a querer falar sobre a pessoa que morreu incessantemente e, em outras, não desejar tocar no assunto. É uma fase de transição, visto que a percepção da morte como real é gradual (BOWBLY *apud* MATOS-SILVA, 1985).

### **3- Desorganização e desespero**

Nesta terceira fase é comum que a pessoa enlutada se sinta incapaz de superar a perda e a ausência da pessoa falecida, e tão pouco sente-se capaz de seguir sua vida. Percebe-se que, nesta fase, de acordo com Matos-Silva (2011, p. 54), o indivíduo já “tem consciência de que perdeu uma pessoa para sempre e expressa sentimentos como: angústia, depressão e apatia”.

### **4- Reorganização**

A quarta fase consiste no momento em que o indivíduo revê o turbilhão de sentimentos que foi envolvido e considera que algumas coisas já estão ultrapassadas, como, por exemplo, a esperança de que o falecido um dia volte, abra a porta, telefone, etc. Para Matos-Silva (2011, p. 54), este pode ser o momento mais doloroso de todas as fases, pois o indivíduo vê-se obrigado a buscar novas situações de vida, buscando readequar os papéis em sua vida e abrir espaço para novas relações e novos vínculos. Bowbly (1985) não vê uma ordem na sucessão das fases, apesar de, na maioria das vezes, elas se apresentarem na ordem como foi descrita acima, nem duração exata, podendo ainda haver oscilação entre as fases.

## **2.1.2 Fases do luto conforme Kubler-Ross**

### **1- Negação e isolamento**

Elisabeth Kubler-Ross, ao iniciar a elaboração das fases do luto, teve como fonte seu estudo com pacientes em estado terminal, investigando o processo que levava um indivíduo neste momento a aceitar sua condição. Através deste processo, ela percebeu

que não somente aqueles que estavam em processo de morte experimentavam estas fases, mas, também, aqueles que vivenciaram a perda (OLIVEIRA, 2014, p. 12).

Kubler-Ross (1996, p. 51) relata através de seus estudos com pacientes em situação grave ou terminal, que a principal reação expressada nesta fase é “Não, eu não, não pode ser verdade”, porque normalmente esta fase começa ao receber o diagnóstico. O paciente constrói situações ilógicas, mas que, para ele, são possíveis de se realizar, para que aquele diagnóstico esteja errado, o que funciona como forma de fuga para encarar a sua realidade definitiva. Kubler-Ross relata a reação de uma paciente ao saber que estava doente:

Confirmada ou não, reagia sempre do mesmo modo; exames e reexames, admitindo parcialmente que o primeiro diagnóstico estava correto, mas não deixando de dar outras interpretações na esperança de que a primeira conclusão fosse, de fato, um erro, nem perdendo contato com um médico para ajudá-la “a qualquer momento”, como dizia (Kubler-Ross, 1996, p. 51).

Normalmente, isto acontece quando o paciente não foi preparado para receber a notícia e é usado por quase todos os pacientes. Kubler-Ross (1996, p. 52) diz que a negação funciona como “para-choque” depois de notícias inesperadas e chocantes, é temporária e logo substituída pela aceitação parcial e, nem sempre, aumenta a tristeza. Ainda diz que, nesta fase, é normal que o paciente se volte às coisas mais atraentes e felizes, use termos como “vida após a morte” (representando uma negação) e mude de assunto facilmente, mas relata a necessidade desta fase acontecer mais frequentemente no começo da doença do que no fim da vida.

Em geral, só muito mais tarde é que o paciente lança mão mais do isolamento do que da negação. É quando fala de sua morte, de sua doença, de sua mortalidade e imortalidade, como se fossem irmãs gêmeas coexistindo lado a lado, encarando assim a morte, sem perder as esperanças (Kubler-Ross, 1996, p. 55).

Percebe-se que o paciente, com o tempo, vai se desprendendo da raiva como mecanismo de defesa passando a fazer uso de mecanismos menos radicais para se defender da ideia da morte próxima. É que, na maioria das vezes, em nosso pensamento somos imortais, é quase inacreditável reconhecer que temos que enfrentar a morte (Kubler-Ross, 1996, p. 55).

## **2- Raiva**

Nesta fase, Kubler-Ross (1996, p. 63) relata que a pessoa começa a pensar em todas as pessoas à sua volta saudáveis e começa então a sentir raiva, revolta, inveja e

ressentimento por ter que interromper seus planos de vida. Nesse momento surge a pergunta “porque eu? ”. Vejamos este trecho de Kluber-Ross (1996, p. 64), que diz:

Contrastando com o estágio de negação é muito difícil, do ponto de vista da família e do pessoal hospitalar, lidar com o estágio da raiva. Deve-se isso ao fato de esta raiva se propagar em todas as direções e projetar-se no ambiente, muitas vezes sem razão plausível.

Entende-se que a negação se torna mais difícil porque qualquer coisa dentro do ambiente do indivíduo que se encontra nessa fase pode evocar o sentimento de raiva. Fagundes (2012, p. 20) compara e conclui que, “o mesmo pode ser entendido, de forma análoga, para quem perdeu um parente, um amigo muito próximo. Como ficam, na cabeça ‘de quem fica’, as promessas de quem partiu? Desta forma, a raiva poderá ser direcionada a várias situações cotidianas, até mesmo a quem morreu” sendo assim, não cabe, neste momento, procurar o motivo da raiva do paciente, mas apenas entender a importância da, como diz Fagundes (2012, p. 20), “raiva ser encarada como parte natural do processo, pois é necessário ao paciente que ela seja extravasada de alguma forma”, mesmo que o paciente desconte a raiva culpando algo ou alguém por sua condição terminal.

### **3- Barganha**

Algumas pessoas consideram a morte como uma espécie de castigo, e, ao estar em processo de luto, tentam de alguma forma adiar a chegada da morte como uma “troca” por bom comportamento, como exemplifica Kubler-Ross (1996, p. 95):

Estamos acostumados com este tipo de reação porque acontece o mesmo com nossos filhos: primeiro exigem, depois pedem por favor. Podem não aceitar nosso “não” quando querem passar uma noite em casa de algum amigo. Podem se zangar e bater os pés. Podem se trancar no quarto e demonstrar sua raiva nos rejeitando por algum tempo. Mas sempre terão outros pensamentos. Podem pensar em outra forma de abordar o problema. Podem se oferecer para executar algum trabalho em casa que, em circunstâncias normais, jamais conseguiríamos que fizessem.

De acordo com seu estudo, Kubler-Ross (1996) aponta que, o paciente em estado terminal, passa a pensar em todas as coisas que poderia melhorar, todas as atitudes que poderia modificar, em seu estilo de vida, pode até se arrepender de situações vividas no passado ou por coisas que não conseguiu vivenciar, tentando ser recompensado por isso. Esta vivência é considerada pelo paciente como castigo, em outras palavras, é a esperança de poder adiar o fato diagnosticado.

### **4- Depressão**

Alves et al (2014) dizem que, “ainda que o próprio nome possa sugerir uma forma pessimista de encarar o fato, tal estágio diz respeito a um desinvestimento libidinal, do tipo: "Vou morrer mesmo, então por que me preocupar?" “. Ainda segundo os autores, o impacto da doença no paciente, na família e todas as mudanças que a ausência deste indivíduo irá causar no ambiente familiar, é considerado perigoso, visto que pode influenciar no quadro terminal do paciente. Kubler-Ross (1996) cita dois tipos de depressão: a reativa, que se refere ao indivíduo e, principalmente, seu meio social, e a preparatória, referente ao sentimento do paciente ao se dar conta de que irá perder, em breve, tudo que ama.

Para os sujeitos enlutados, Kubler-Ross (*apud* FAGUNDES, 2012, p. 21) ressalta que esta é uma fase de grande impacto e, diz ainda, que “seu alheamento ou estoicismo, sua revolta e raiva cederão lugar a um sentimento de grande perda”, pois é fato que existe uma perda, e que ela causará alguma reação, só não se pode dizer por quanto tempo irá durar.

## **5- Aceitação**

Normalmente, neste período, ao contrário dos outros, o paciente sente vontade de falar sobre o que está sentindo. Kubler-Ross (*apud* OLIVEIRA, 2014, p. 13) diz que esta fase “não significa o fim do sofrimento, mas um período em que a pessoa deixa de lutar contra a morte, a aceita e isso facilita o enfrentamento”, é o momento em que o indivíduo aceita a realidade e a sua condição, resignando, de certa forma, a morte. Alves et al (2014) diferem esta fase da depressão, por esta ter cunho positivo, enquanto a depressão tem cunho negativo.

É importante lembrar que os pacientes mantêm uma certa esperança de sua situação mudar. Kubler-Ross (1996, p. 273-275) cita que “qualquer que fosse o estágio da doença, quaisquer que fossem os mecanismos de aceitação usados, todos os nossos pacientes mantiveram, até o último instante, alguma forma de esperança”, e ainda reforça:

Esta esperança pode vir sob a forma de uma descoberta nova, um novo achado em pesquisa de laboratório, ou sob a forma de uma nova droga ou soro, seja lá qual forma esta esperança possa assumir, é esta esperança que deve manter sempre, não importa sob que forma.

Conclui-se que, a presença dessa “esperança”, facilita o processo de aceitação do paciente, neste momento de descoberta da proximidade da morte. Os pacientes em situação grave sempre estarão em busca de algo que possa tirá-los da realidade em que

estão submetidos, embora saibam, no momento do diagnóstico terminal, que não existem mais possibilidades de cura.

### **2.1.3 Tarefas do luto**

Por ter sido, junto a Bowlby, um dos primeiros autores a apresentarem o processo de luto como sistemático, Worden também considera que este momento de luto é caracterizado por vários sentimentos experimentados pelo indivíduo enlutado e por vários pensamentos que costumam vir à tona, apesar das perspectivas diferentes. Worden prefere usar o termo “tarefas”, referindo-se ao enlutado como aquele que age e é ativo diante de seu sofrimento, sendo assim, ele cumpre tarefas para que tenha a sensação de que ele efetivamente possa fazer algo neste processo (MATOS-SILA, 2011, p. 51-55).

#### **1- Aceitar a realidade da perda**

Bowlby (1985) diz que, em primeiro momento o enlutado busca incessantemente algum contato com a pessoa falecida. Seguindo esse pensamento, Worden (1998) indica que uma primeira tarefa é “o indivíduo se esforçar para perceber a perda como real e irreversível desde os primeiros momentos, para que assim ele desista aos poucos da busca pelo falecido, reconhecendo que ele não mais voltará”, o que consiste em se apegar a realidade, tendo em vista que ela não mudará.

Permanecer mais tempo nesta tarefa pode ser devido, segundo Matos-Silva (2011, p. 55), a:

Um processo de negação, seria a recusa persistente em aceitar que a pessoa morreu, um exemplo disso seria um caso em que a pessoa enlutada mantém os objetos do falecido no mesmo lugar, esperando que ele volte para usa-los. Este processo de negação só será considerado patológico, caso ultrapasse os períodos iniciais após a perda e perdure por tempo prolongado.

Alguns indivíduos utilizam a negação do significado da perda, fazendo com que ela seja menos significativa do que ela realmente é, manifestando frases como “ele não era um bom pai” ou “nem éramos tão chegados”, disse Melo (2004, p. 8). Para Worden (1998), a presença nos rituais funerários é um fator que contribui para que a pessoa enlutada perceba a realidade do falecimento, caso contrário, pode levar a busca de outros meios para reconhecer a morte. A partir do momento em que a morte é aceita, o sofrimento pela perda é iniciado, dando origem a segunda tarefa.

#### **2- Trabalhar a dor da perda**

Inicia-se quando a morte, para Worden (1998), é aceita e o indivíduo começa a elaborar a dor, experimentar o sofrimento da perda. Nesta tarefa é de fundamental importância que os sentimentos sejam manifestados para que essa dor seja elaborada. Worden (1998) define que, “caso o enlutado tente, de alguma forma, evitar esse sofrimento, favorecerá o aparecimento de sintomas patológicos”, tendo como consequência um prolongamento do processo de luto.

As pessoas podem boicotar esta tarefa das várias maneiras, sendo a mais comum, como Melo (2004, p. 9) diz, “cortar com os sentimentos e negar a dor que está presente, outras formas possíveis são procedimentos para parar o pensamento, idealizar o falecido, evitar coisas que lembrem o falecido”, ou seja, usar atributos como fuga da realidade. Worden (1998) observa que, mais cedo ou mais tarde, a maioria dos indivíduos que evitam o sofrimento consciente, acabam por colapsar normalmente alguma forma de depressão, desta forma percebe-se que os dois autores consideram que a depressão tende a surgir como forma de evitar a dor da perda.

### **3- Ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu**

Refere-se a adaptação do novo ambiente que a perda gerou e depende sempre da relação que o enlutado tinha com a pessoa que morreu: quanto maior a proximidade e o vínculo mais difícil será o ajuste e vice-versa (WORDEN, 1998). Quando essa tarefa não é completada, para Matos-Silva (2011, p. 57), “traz ao indivíduo problemas em lidar com perdas, dificultando o desenvolvimento de novas habilidades e a construção de novas relações”. Outra área de ajustamento diz respeito ao sentido que a pessoa tem do mundo, pois a perda pode pôr em causa várias crenças e desafiar valores fundamentais. Então, o indivíduo que passa pelo processo do luto, deve se preocupar com três ajustes: o ajuste do “eu”, o ajuste externo e o ajuste de crenças. Segundo Melo (apud WORDEN, 2004, p. 9):

Verifica-se, assim, a existência de 3 áreas de ajustamento que se tem que fazer depois de perder alguém que nos é próximo: ajustamentos externos (funcionamento diário no mundo), ajustamentos internos (sentido do self) e ajustamento de crenças (valores, crenças, considerações sobre o mundo).

Considerando que esta tarefa se refere à adaptação, não a concretizar significa que não houve adaptação à perda, não se desenvolveram as competências exigidas para lidar com a perda e, por conseguinte, isolam-se do mundo.

### **4- Reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida**

Esta tarefa consiste em readaptar o lugar da pessoa falecida em sua vida. Worden (1998) diz que “o processo de luto termina quando o enlutado deixar de ter uma necessidade de reativar a representação do falecido com uma intensidade exagerada no cotidiano”. Assim, remete à fase de reorganização de Bowlby, em que o indivíduo percebe a morte como fato irreversível e entende que a vida precisa continuar, atribuindo novos significados a ela.

Para Matos-Silva (2011, p. 57) percebe-se que “esta tarefa está concluída quando o enlutado consegue se lembrar do morto no cotidiano de maneira mais tranquila, sem que intensos sentimentos sejam despertados”, por isso, esta é a tarefa mais difícil. Melo (2004, p. 10) diz que “torna-se comum que a pessoa fique presa a esta tarefa e, por muitas vezes, só tomam conhecimento disso muito tempo depois, ao questionar-se porque sua vida estagnou”. É fundamental desta tarefa que o indivíduo enlutado perceba que é possível amar outras pessoas sem deixar de amar a pessoa que se foi.

#### **2.1.4 O fim do luto**

Para Worden (1998), assim como para Bowlby (1995) e para Kubler-Ross (1996), não existe tempo definido para que essas tarefas sejam concluídas e o processo do luto tenha fim. Melo (2004, p. 10) diz que “o processo de luto é muito variável, levando normalmente muito mais tempo que aqueles que as próprias pessoas esperam”, ou seja, é impossível prever e definir um período certo para o processo de luto ocorrer. Já para Matos-Silva (2011, p. 57), o processo de luto tem fim quando a pessoa consegue prosseguir com sua vida e a perda passa a não ser mais algo tão doloroso. Sempre que houver datas especiais, feriados, comemorações, pode ser que essa perda se renove, portanto, o luto não é um processo que progride de forma linear, sendo possível que ele volte para ser novamente trabalhado. Basso et al (2011) diz que, para Kubler-Ross, não existe ordem nas fases, portanto, o final do luto pode se dar em qualquer uma delas, desde que passe por todas e as supere.

Observa-se que Worden e Bowlby visualizam que o luto não ocorre de forma linear, as tarefas ou fases, podem oscilar conforme vão acontecendo para cada sujeito. Para ambos, a primeira fase corresponde a dificuldade de aceitar a morte, conseqüentemente gera, na segunda fase, a tentativa de busca da pessoa falecida. A fase de reorganização de Bowlby também corresponde a tarefa de reposicionar a pessoa que morreu na vida do enlutado, proposta por Worden, que se refere a adaptação do enlutado a vida sem a pessoa que faleceu. Portanto, o luto, para os dois autores, termina quando o

indivíduo começa a dar valor a outras atividades, assim como a outras relações. A fase de “negação”, descrita por Kubler-Ross, é unânime entre os autores aqui abordados, é a fase inicial do processo de luto. Worden e Kubler-Ross concordam também, na fase ou tarefa que se refere a aceitação da realidade pelo enlutado, que o extravasamento dos sentimentos que permeiam o processo de luto é um importante fator para a melhor elaboração do luto.

Por fim, dadas as modificações na vida cotidiana impostas pelo surgimento e utilização de novas tecnologias, passou-se a ter, também, a expressão do luto no ambiente virtual, o que será apresentado na próxima seção.

## **2.2 Luto no virtual**

A internet ocupou, na atualidade, um lugar relevante na vida dos indivíduos, com influência significativa na relação das pessoas entre si e com o mundo. Gerou transformações na sociedade devido a dependência, cada vez maior, que os indivíduos têm a tudo que o mundo virtual oferece. Observa-se que o luto e o enfrentamento de perdas são apenas um dos inúmeros processos que se manifestam no mundo virtual, visto que observamos cada vez mais pessoas levando às redes sociais, blogs e sites especializados, vivências do processo de luto.

Há manifestações como relatos e depoimentos de experiências relacionadas a perdas em função de mortes, exposições sensacionalistas, ou mesmo quando a morte acontece, de fato, no mundo virtual com a morte de um avatar em uma rede social, ou quando um perfil desaparece e deixa de realizar atividades rotineiras, compartilhar fotos, vídeos e comentários (GURGEL et al. 2011).

A internet oferece a noção de “ciberespaço”, ou seja, um espaço no meio eletrônico, onde todos podem estar inseridos:

Conforme a Internet se tornou um espaço majoritário, vários serviços para o dia-a-dia no “mundo real” migraram para ou nasceram no mundo virtual, e, longe de representar um desligamento do local e da identidade no mundo presencial, o virtual funciona, cada vez mais, como uma extensão da vida cotidiana no “mundo real”, e não como uma alternativa (AGUILERA et al, p. 3).

Um conceito muito comum, no ciberespaço, é o do anonimato. Em muitos serviços na internet, como os jogos em rede, por exemplo, os usuários utilizam avatares ou *nicknames* para esconder quem realmente está por trás da tela. Um avatar é uma representação icônica, uma imagem ou símbolo, que o usuário de algum sistema no

ciberespaço, principalmente em jogos e blogs, utiliza para se fazer representar figurativamente, enquanto *nickname* é o nome ou apelido pelo qual o usuário será reconhecido em algum destes sistemas. Dentro deste contexto, observa-se inclusive que muitos usuários demonstram sofrimento diante da morte de um avatar, de um perfil que se perde ou que deixa de realizar suas atividades dentro da rede, o que demonstra uma forma de luto que, segundo Fagundes (2012), denominou-se luto virtual.

A vivência do luto nos ambientes virtuais teve suas primeiras manifestações na Inglaterra e depois nos Estados Unidos. Wainstock (2013, p. 40) conta que, neste momento inicial, “trata-se do surgimento de *sites* que abrigam memoriais em homenagem a pessoas que faleceram. Como exemplos [...] o *Respectance* (<http://respectance.com>) e o *GoneTooSoon* (<http://www.gonetoosoon.org>)”. Ainda segundo Wainstock, estes sites possibilitavam a qualquer pessoa homenagear um ente querido que faleceu, através da criação de um perfil, com fotos, mensagens, velas virtuais e flores digitais. No Brasil, o autor cita o exemplo de um site chamado “Dor de mãe”, destinado a mães que perderam filhos e que foi criado, em 2004, por duas mães que passaram por tal situação.

Segundo Gurgel (*apud* FAGUNDES, 2012, p. 25), o termo “luto virtual” teve uma importante aparição em 2 de agosto de 1999, quando Cose Ellis publicou, no NewsWeek, um artigo chamado *The Trouble With Virtual Grief: The pain that so many people feel for JFK Jr. should not be confused with the actual suffering of family and friends*. Neste texto, mostra-se que a internet se tornou um lugar privilegiado para que pessoas, anônimas ou distantes, pudessem partilhar de um processo de luto. O luto virtual aparece, em primeiro momento, como uma manifestação coletiva de um sentimento de orfandade de uma nação. Conforme o passar do tempo, outros sentidos foram somando-se a este novo termo, mas, muitas vezes se referindo à indignação política, sentimento de justiça e indignação que aparecem, por exemplo, em casos de morte de inocentes (GURGEL et al., 2011, p. 10).

Uma novidade dos tempos atuais dentro da noção de ciberespaço são as Redes Sociais que, segundo Aguilera et al (2006, p. 3), têm “como objetivo primário, a comunicação entre pessoas que já se conhecem pessoalmente”, ou seja, que fazem parte do “mundo real”, o que não impede a sua utilização também para conhecer novas pessoas, estabelecer novos contatos. Assim, nas redes sociais, os usuários comumente usam seus nomes reais, fotos e outras informações pessoais, como Aguilera et al (2006, p. 3) diz, as redes sociais (ou Serviços de Redes Sociais – SRS, dependendo dos autores) “servem

hoje como espaços privados e protegidos em que os jovens se sociabilizam e desenvolvem sua visão de mundo social”. Aguilera et al (2006, p. 4) diz:

Nestes sistemas, os usuários ainda estão se comunicando não-presencialmente, mesmo que tenham outras formas de contato presencial; e os SRS's convidam os usuários a construir um perfil – uma descrição textual, em vários campos, de si mesmos – que não difere fundamentalmente dos mecanismos de construção da persona virtual de quinze anos atrás.

Com este novo jeito de interagir no ciberespaço, onde os sujeitos compartilham informações pessoais, os sentimentos de perda que antes eram expostos por pessoas que não existiam, hoje fazem parte da expressão das pessoas do mundo real. Fagundes (2012, p. 25) diz:

Há o luto virtual que é a demonstração, na internet, do conjunto de sentimentos que envolvem a pessoa naquele momento, seja através de comentários em redes sociais, seja pela utilização de tarjas pretas ou com a palavra luto em seus avatares (imagens ou fotos que utilizam para ilustrar seus perfis nestas redes). Por uma questão semântica, pois consideramos que este luto é real, ainda que vivenciado no mundo virtual preferimos chamá-lo de luto no virtual.

Bouso et al (2012), cita o termo “luto online” como o compartilhamento do luto no ciberespaço, nas comunidades virtuais e, em especial, nas redes sociais virtuais. Justifica que este fenômeno ocorre devido ao avanço das tecnologias da informação e da comunicação e que promove a desestruturação da lógica tradicional de produção, disseminação e uso das informações e conhecimentos. É possível perceber que o “luto online” de Bouso, se enquadra na categoria “luto no virtual”, onde enfatiza o uso das redes sociais como fonte de expressão de luto. Já Tomasi (2011, p. 4) utiliza, neste mesmo sentido, o termo “luto na internet”, quando fala que:

Manter on-line perfis pessoais de falecidos, enviar mensagens de condolências ao morto e enlutados, expressar dor e saudade nos recados e criar comunidades para protestar contra mortes trágicas são algumas das variadas manifestações post-mortem encontradas na internet.

A possibilidade de, atualmente, acompanhar funerais de qualquer lugar do mundo via internet, contando até com páginas em redes sociais destinadas a pessoas que morreram, são exemplos de como as redes virtuais incorporaram as questões de morte e luto naturalmente.

As redes sociais têm se mostrado como um espaço no qual o enlutado pode dar voz a seu sofrimento. A expressão do luto na internet em espaços como as redes sociais e os *blogs* vem sendo observada com grande intensidade e frequência, sendo um desafio compreender como ocorre o advento do luto *online*, do luto interativo ou do compartilhamento do luto na internet (BOUSSO et al. 2014).

Assim, ao buscar reunir forças para enfrentar o luto, o enlutado utiliza a internet para obter reconhecimento através das interações online. Embora isto não signifique a diminuição da dor, é uma forma de ajudar a elaborar o sofrimento causado pela perda, porém deve-se atentar que o uso da internet com este objetivo pode não ser benéfico a todos, porque depende do significado que o usuário dá ao mundo virtual.

Observa-se que a utilização destas ferramentas permite o compartilhamento do luto na internet e acaba por promover a interação da rede em prol deste momento. Estes mecanismos de interações pessoais atuam como mecanismos de enfrentamento e são utilizados, principalmente, para auto expressão e compartilhamento de experiências. Devido a isto, esta interação nas redes sociais pode ser ferramenta de auxílio na elaboração do processo de luto quando se perde uma pessoa próxima (BOUSSO et al. 2013).

Todos estes conceitos têm por igualdade o uso da internet como meio de extravasar sentimentos trazidos pelo luto, sofrido pela perda de pessoas próximas. Fica em evidência o uso das redes sociais como ferramentas de auxílio para que este momento seja compartilhado, na busca de amenizar todo o sofrimento. Observa-se também, que todos os termos (luto virtual, luto online, luto na internet, luto no virtual) foram inicialmente construídos através das mudanças culturais oriundas do avanço tecnológico e que dizem respeito às mais variadas formas de expressões do luto no ambiente virtual.

Tais expressões podem, inclusive, não surgir de forma espontânea e, sim, se mostrar como uma necessidade de “fazer parte do grupo”. Como Tomasi (2011, p. 5) diz: “estar fora dessas redes de relacionamento, como não participar do Orkut, torna-lhe, muitas vezes, um estranho e uma pessoa antissocial, isto é, ser integrante do Orkut consiste na sua não-exclusão na sociedade pós-moderna”, o que mostra que as redes sociais fazem parte do cotidiano das pessoas.

Peruzzo et al (2007) observam que, “neste contexto, os jovens, além de serem os maiores usuários da Internet, muitas vezes têm crescido em contato estreito e direto com essa tecnologia” e, assim, o mundo virtual acabou se tornando um espaço onde pessoas manifestam suas emoções, onde o enlutado se assume virtualmente. Tomasi (2011, p. 2) relata que:

Manter on-line perfis pessoais de falecidos, enviar mensagens de condolências ao morto e enlutados, expressar dor e saudade nos recados e criar comunidades para protestar contra mortes trágicas são algumas das variadas manifestações post-mortem encontradas na internet. (...). No decorrer da história, o luto foi vivenciado de diferentes formas. Na Idade Média, por exemplo, o enlutado tinha que expressar sua dor da perda por determinado período, mesmo que esta não estivesse mais presente, além das visitas constantes dos familiares e amigos. A partir do século XIX, modificam-se essas formas de praticar o luto. Os enlutados passam a demonstrar o sofrimento espontaneamente ou de modo histérico.

Gurgel et al (2011) observa que a praticidade que a internet oferece, em relação à facilidade em acessar o perfil de alguém e, por meio deste, conseguir de comunicar sem precisar enfrentar os obstáculos da rotina normal, como trânsito e horários que, por muitas vezes, não se encaixam, é um outro fator que faz o ciberespaço ser, cada vez mais, o local utilizado para expressar sentimentos e reflexões do dia-a-dia. Essa liberdade de expressão oferecida pela internet, em especial pelas redes sociais, dá acessibilidade para que os usuários, que visitam os perfis de outras pessoas, possam deixar uma mensagem, ou mesmo incluir fotos da pessoa que faleceu e usar frases como “Sentimos sua falta” Tomasi (2010, p. 6).

Muitos mortos continuam recebendo mensagens de amigos, familiares e até de desconhecidos durante algum tempo após o falecimento. Nos primeiros meses após a morte, os recados são assíduos e expressam sentimentos de dor e sofrimento. Em alguns perfis, os recados informam o dia, horário e local das missas em intenção ao morto, como de sétimo dia ou meses e anos da data de morte. Em outros casos, os visitantes, em especial parentes ou amigos do morto comunicam quase que mensalmente sobre as novidades ocorridas em sua vida, como oportunidades de emprego, sucesso profissional, vitória do time que o falecido torcia, estado de saúde e especialmente, a dor causada pela morte, que os acompanha no dia-a-dia (TOMASI, 2011, p. 6).

Observa-se que outro fator relevante é a oportunidade de, mesmo que fora de lógica, ainda “manter contato” com o falecido, deixando sempre recados em seu perfil da rede social, como se de algum modo a pessoa que faleceu pudesse ler o que é escrito, diretamente a ela, mesmo após a sua morte e principalmente, nas redes sociais, esta tentativa de manter “contato” com a pessoa que morreu acontece, por ser um lugar onde a pessoa que se poderia postar novas experiências e, em sua maioria, momentos e acontecimentos felizes (TOMASI, 2011, p. 298). Atitudes confirmadas neste trecho:

A rede social oferece uma possibilidade de os amigos sentirem-se conectados, se comunicarem com a pessoa que morreu. Essa categoria temática diz respeito à manutenção de uma comunicação direta, postada ao falecido, manifestando admiração, lembranças de fatos ocorridos durante a vida, ressaltando o papel importante que o falecido teve na vida do usuário, dizendo adeus e pedindo ao falecido que continue a os iluminar (BOUSSO et al., 2012, p.7).

Bouso et al (2014) afirma que “o ciberespaço criou recursos que permitem ao enlutado expressar-se de diversas maneiras, mas que, ao mesmo tempo, provoca diversos sentimentos intensos e imprevisíveis que são experimentados ao extremo, tais como tristeza, mágoa, arrependimento, raiva e alegria”. Existem os que utilizam as redes sociais para visitar os perfis de pessoas falecidas em busca de saciar a própria curiosidade, em busca de detalhes da morte e, até mesmo, de alguma forma presenciar o sofrimento de familiares e amigos, da pessoa morta. Pessoas que assumem o papel de enlutado apenas como modo de gerar polêmica ou realçar qualidades do falecido. Assim como há, também, aqueles que vandalizam a memória do morto e estão ali apenas para denegrir e ofender a imagem do falecido, seja por preceitos religiosos ou apenas com o intuito de chocar (GURGEL, 2011, p.11).

Filipakis et al. (2006) faz referência a duas hipóteses sobre a influência do luto no virtual na elaboração do próprio luto:

- 1- Essa vivência ser considerada saudável, pois possibilita a pessoa que ficou, extravasar os sentimentos no momento de elaboração do luto.
- 2- Tornar mais martirizante e duradouro a vivência do processo de luto, visto que o indivíduo pode se ater aquela possibilidade de contato irreal com a pessoa que faleceu.

A primeira hipótese considera a possibilidade de extravasar os sentimentos gerados pela perda na internet, mesmo que não exista a possibilidade de a pessoa falecida ter conhecimento do que ela expõe, ser uma opção para a elaboração do processo do luto. Já a segunda hipótese, se atem ao fato a internet ser usada como meio de contato com a pessoa que faleceu, como se fosse possível, poder ser um fato que prolongue as etapas do processo do luto, tornando esse momento martirizante e, muitas vezes, deixando o enlutado “inerte” a sua situação (FILIPAKIS et al, 2006).

O que fica evidente, nas mais diversas formas de manifestação do luto ou reflexões sobre a morte contidas no ciberespaço, é que novas sensibilidades, novas formas de abordar o tema e de expressar as angústias provocadas pela finitude estão sendo construídas na cibercultura. Não é possível definir o quanto estas manifestações podem significar reforços, remodelações ou mesmo modificações no estado de interdito que sustenta a morte nos bastidores da vida social na nossa cultura (OLIVEIRA-CRUZ, 2011, p. 189).

Por fim, segundo Gurgel (2011, p. 16), deve-se considerar que o luto virtual não é um luto irreal, ele existe, tanto no contexto luto virtual, que emana do mundo físico para o mundo virtual, quanto do luto virtual, que emana do mundo virtual para o mundo físico. Indiferentemente do contexto, existe uma pessoa por trás daquele sofrimento, que está sofrendo o processo de luto. A expansão do luto no mundo virtual vem, tanto por ser uma

característica da contemporaneidade, onde as pessoas usam a internet para manifestar qualquer tipo de reação, opinião ou opção, como provém das carências pessoais e interpessoais existentes no processo da morte.

Dadas as inúmeras possibilidades que as inovações tecnológicas oferecem ao ser humano de se expressar, inclusive de expressar sua dor e sofrimento, e considerando que a experiência do luto tem sido cada vez mais vivenciada através destes recursos, passa-se a contar com um novo ambiente sobre o qual o profissional psicólogo deverá se debruçar. Entender como se dá a expressão do luto neste ambiente, o quanto isso pode ser um apoio ao enlutado ou piorar sua situação, além de entender os perigos da exposição em um ambiente em que todos podem falar o que quiserem, passa a ser importante para a atuação do psicólogo.

Por ser algo recente, prevê-se como pouca a literatura científica formal sobre este tema, especialmente sobre a atuação do psicólogo nestas situações envolvendo o luto no ambiente virtual. Assim, este trabalho buscará apresentar uma análise sistematizada do que há produzido para servir como auxílio ao trabalho dos psicólogos que se interessarem em lidar com este tema.

### 3 METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa baseada em uma revisão sistemática de estudos científicos, de natureza quali-quantitativa, com objetivo exploratório. Tem como base estudos encontrados mais especificamente nas bases de dados: Portal de Periódicos da CAPES, SciELO, PubMed, Elsevier e Google Acadêmico.

Desta forma, como critérios de inclusão estabeleceram-se: ser artigos científicos de periódicos indexados nas bases de dados Portal de Periódicos da CAPES, Scielo PubMed, Elsevier e Google Acadêmico; abordar o processo de luto, identificando suas fases, como acontecem e as possíveis consequências desta vivência, até mesmo quando o luto for mal elaborado; e, ser obtido através de combinações das palavras-chaves: luto virtual, luto no virtual, luto online, luto eletrônico, luto digital, luto no ciberespaço e luto na internet.

Foram excluídos os artigos científicos que não tratavam da expressão do luto em ambiente virtual. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica inicial que norteou a identificação de variáveis que permitiram a elaboração de um roteiro de coleta de dados para padronizar e recolher informações dos artigos encontrados. O roteiro foi adaptado em uma planilha do Microsoft Excel na qual cada linha foi preenchida com os dados extraídos dos artigos selecionados e as colunas corresponderam as seguintes variáveis: autor, título do artigo, ano e classificação Qualis.

A metodologia para a realização da revisão sistemática, segundo Rother (2007), baseia-se em sete passos: formulação da pergunta, localização dos estudos, avaliação crítica dos estudos, coleta de dados, análise e apresentação dos dados, interpretação dos dados e aprimoramento e atualização da revisão.

O primeiro passo é a formulação de uma pergunta para guiar o que deve ser incluído no trabalho. Pereira et al (2006, p. 492) diz que revisão sistemática “trata-se de uma fase aparentemente simples, mas que é crucial, pois o processo de resolução do problema só terá sucesso se a questão for apropriadamente definida”. Um importante detalhe a ser visto antes da elaboração da pergunta é a existência de pesquisas sobre o tema investigado, pois, para a revisão sistemática, quanto mais estudos forem sintetizados para a elaboração do trabalho, mais valor terá.

Rother (2007) indica que podem ser utilizadas várias fontes de busca, incluindo trabalhos publicados, estudos de especialistas, revistas, assim como estudos relevantes de bases de dados eletrônicos conceituados, devendo sempre ser detalhada a estratégia de busca utilizada. Pereira et al (2006, p. 493) recomendam que “sejam utilizadas pelo menos duas bases de dados amplas e específicas para o tema em questão, selecionando-se unitermos, que são palavras ou conjunto de palavras usadas para identificar as pesquisas existentes”, a busca de estudos mais ampla, sistematizada, diferencia a revisão sistemática de uma revisão tradicional (GALVÃO et al. 2004).

Posterior a isto, deve-se determinar a validade dos estudos encontrados e, se serão ou não, utilizados na revisão. GALVÃO et al. (2004, p. 552) dizem que “os critérios de inclusão determinados pelo revisor devem refletir diretamente a pergunta selecionada para a elaboração da revisão sistemática, incluindo os participantes, a intervenção e os resultados de interesse”, aqueles que não forem utilizados deverão ser citados junto a uma explicação sobre o porquê de sua não utilização (ROTHER, 2007).

Galvão et al (2004, p. 552) definem que “a avaliação crítica consiste na fase onde todos os estudos selecionados são avaliados com rigor metodológico, com o propósito de averiguar se os métodos e resultados das pesquisas são suficientemente válidos para serem considerados”, sendo importante salientar que a coleta de dados de cada revisão sistemática dependerá da pergunta inicialmente elaborada no processo. Todas as características estudadas devem ser observadas e resumidas, levando em conta as características do método, de quem participa e do objetivo clínico, que viabilizarão ou não a utilização deste estudo (ROTHER, 2007).

Na fase da interpretação dos dados, deverão ser pré-estabelecidos no projeto agrupamentos baseados na semelhança dos estudos, assim como a apresentação gráfica e numérica, organizando e facilitando o entendimento do leitor. Quando, na análise de resultados, são utilizadas estatísticas para analisar outros estudos já feitos sobre determinado tema, terá uma revisão sistemática com metanálise (ROTHER, 2007). Segundo Galvão et al (2004, p. 553) metanálise é:

Um procedimento no qual métodos estatísticos são empregados para combinar e resumir os resultados de vários estudos. Esse procedimento é utilizado na abordagem quantitativa quando os estudos apresentam a mesma questão de investigação, usam a mesma população, administram a intervenção de maneira semelhante, mensuram os resultados da mesma forma e empregam a mesma metodologia na sua elaboração (delineamento de pesquisa). Quando os estudos diferem em um ou mais desses aspectos a metanálise não é apropriada.

No caso da revisão sistemática que utiliza a metanálise, ou seja, quando os resultados de vários estudos são sintetizados e tomam forma de estatística produzindo uma única estimativa, o poder da estimativa final torna-se mais preciso. No âmbito clínico, estudos realizados através da revisão sistemática, com ou sem metanálise, são os que fornecem evidências mais fortes e consistentes para embasar possíveis intervenções. Por ser um estudo baseado em evidências, é importante analisar de que forma esses estudos poderão ser aplicados, levando em conta o contexto em que será inserido (SAMPAIO et al. 2007).

A finalidade desta fase é sintetizar os dados e fornecer informações quanto a eficácia dos resultados, tendo como base a comparação dos resultados dos estudos que foram utilizados na revisão sistemática (GALVÃO et al, 2004, p. 553). No momento da interpretação de dados, o objetivo é determinar a força da evidência encontrada e a relevância da aplicabilidade, dos custos e da prática dos resultados obtidos, utilizando a análise de custo/benefício (ROTHER, 2007).

Na apresentação de resultados, é necessário que os artigos utilizados sejam dispostos em quadros, contendo informações como autores, ano de publicação, desenho metodológico, número de sujeitos, grupos de comparação, caracterização do protocolo de intervenção (tempo, intensidade, frequência de sessões, etc.), variáveis dependentes e principais resultados. Vale destacar a importância da sessão de “métodos”, pois nela deverão ser colocadas informações como: estratégias de busca, como os estudos foram selecionados para inclusão na revisão sistemática e informações sobre a confiabilidade.

Como instrumento de análise de dados, foi utilizado um formulário construído com base nas variáveis do estudo, em que foram dispostas as seguintes informações: nome dos autores das pesquisas, título do artigo, nome da revista, ano de publicação do trabalho, país onde a pesquisa foi realizada ou nacionalidade dos participantes do estudo, classificação Qualis, principais ideias dos autores, características do estudo ou design metodológico, perfil populacional e amostragem, intervenção realizada, prognóstico, diagnóstico, diagnóstico diferencial e/ou prevalência de sintomas, resultados obtidos, grau de recomendação, nível de evidência e referência nas normas da ABNT.

Por fim, uma vez concluída e publicada, a primeira versão da revisão sistemática receberá comentários, críticas e sugestões que, quando pertinentes, deverão ser incorporadas à revisão por meio de aprimoramentos. Além disso, após a publicação, a

revisão deve ser periodicamente atualizada para que leve em conta novos estudos publicados ou em andamento, tendo por característica a dinâmica baseada na atualização do tema discorrido. Recomenda-se que as revisões sejam atualizadas anualmente. Se esta frequência for inadequada, pode-se optar por intervalos menores ou maiores, desde que as razões sejam devidamente explicitadas e acordadas com o grupo editorial. (SAMPAIO et al, 2007, p. 87).

A revisão sistemática da literatura é atividade fundamental para a prática baseada em evidência, uma vez que condensa uma grande quantidade de informações em um único estudo, tornando de fácil acesso a informação, refinando os estudos e separando os de menor rigor acadêmico dos fortemente confiáveis, além de servir de base científica para formulação de guias de condutas (GALVÃO et al, 2004, p. 496).

É um tipo de estudo útil, segundo Sampaio et al. (2007, p. 84), para “integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinada terapêutica/intervenção, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes, bem como identificar temas que necessitam de evidencia”, ou seja, consegue reunir em grupos mais abrangentes resultados considerados relevantes, por analisar vários estudos destinados a um mesmo assunto e conseguir selecionar os dados mais relevantes para a prática estudada.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

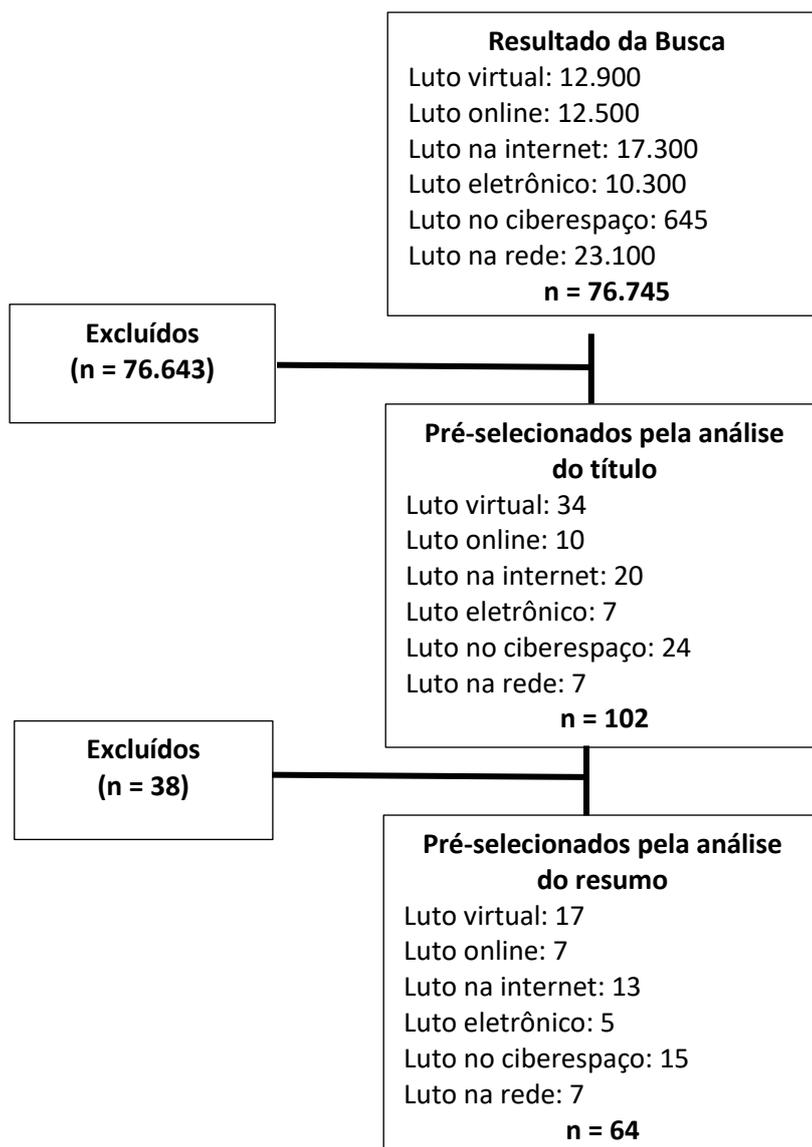
Para obter os resultados desse trabalho, primeiramente, realizou-se a busca dos artigos sobre o luto vivenciado em ambiente virtual. Identificaram-se essas vivências através da busca direta e combinações das palavras-chaves nas bases de dados do Portal de Periódicos da CAPES, SciELO, PubMed, Elsevier e Google Acadêmico.

Após a busca inicial pelas palavras-chaves, foram encontrados no total 96.300 artigos, sendo possível perceber, analisando as quantidades de artigos encontrados que atendem aos requisitos da pesquisa, que há uma quantidade muito pequena de trabalhos que abordam a vivência do luto no mundo virtual e as consequências que este processo acarreta ao indivíduo enlutado. É importante evidenciar que, mesmo considerando os poucos artigos científicos encontrados, nenhum deles trata de um trabalho realizado por profissionais da psicologia.

Apesar de um total inicial alto de artigos retornados em algumas buscas, ao analisar o título e o resumo constatou-se que o conteúdo de grande parte destes não se encaixou, de fato, no contexto abordado neste trabalho. Em sua maioria, evidenciaram a questão do processo de luto vivenciado de forma “comum” a todas as pessoas, enfatizando o fato de que o luto vivenciado no mundo virtual é algo tão recente e, até o momento, não percebido, que ainda não foi abordado no âmbito acadêmico-científico, bem como no âmbito profissional, principalmente pela área da psicologia.

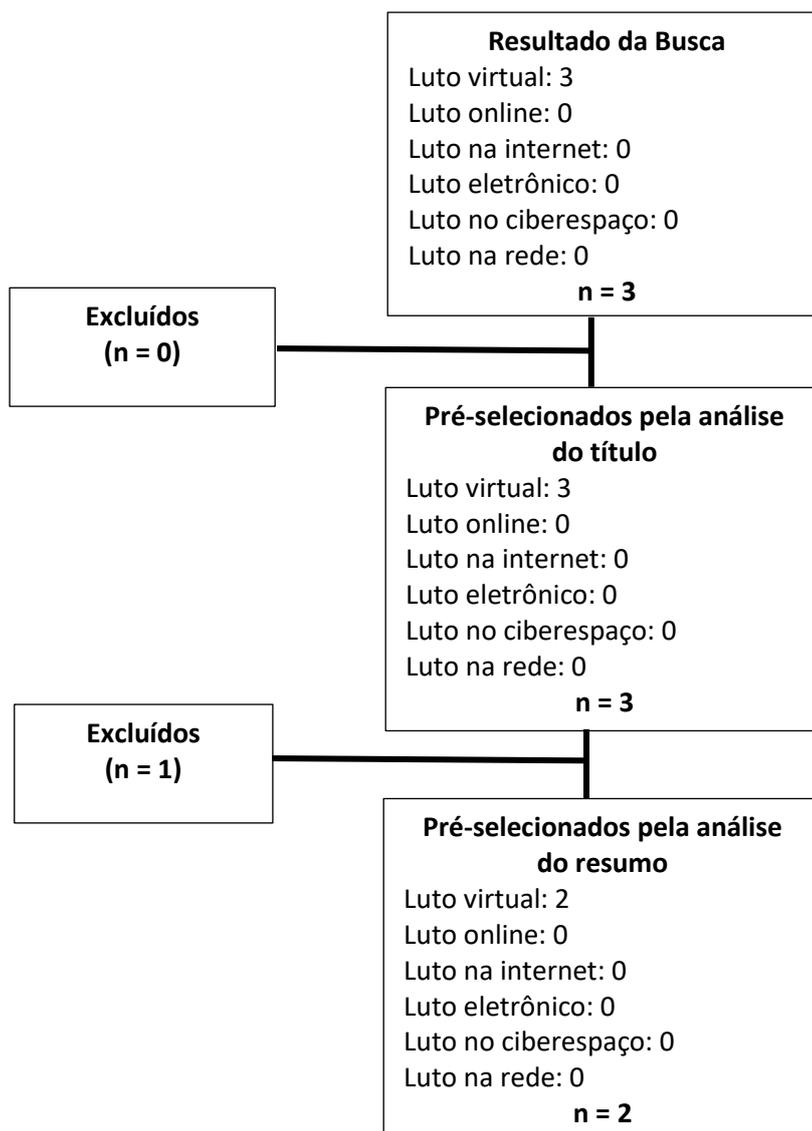
Como exemplo, ilustrado na Figura 1, foram encontrados na base “Google acadêmico”, na busca pelas palavras-chave “luto virtual”, um total de 12.900 artigos, porém, destes foram selecionados 34 artigos cujos títulos indicavam que estavam relacionados ao tema buscado. Ao final, através da leitura do resumo destes, restaram apenas 17 artigos realmente relacionados ao tema.

Figura 1: Resultados das buscas no Google Acadêmico



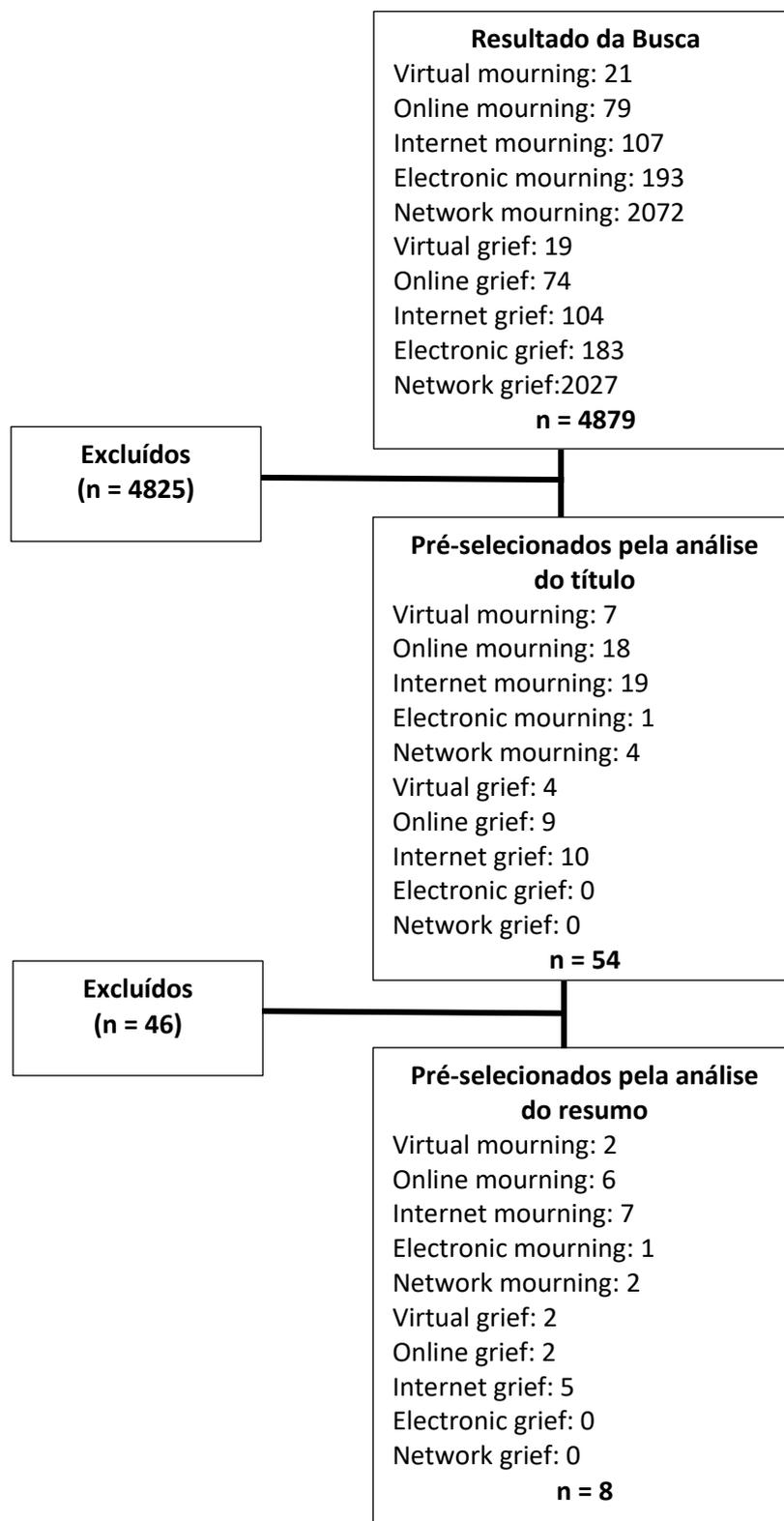
Ainda na pesquisa em bases de trabalhos em língua portuguesa, a Figura 2 apresenta a pesquisa na base Scielo, onde foi identificado um número menor ainda no que diz respeito à artigos encontrados e selecionados de acordo com o tema desejado.

Figura 2: Resultados das buscas no Scielo



Levando em conta as buscas realizadas com combinações de palavras-chave em inglês, em bases internacionais, não se observam muitas mudanças na quantidade de artigos selecionados, até porque não existe a palavra “luto” em inglês, apenas palavras que dão a ideia do sentimento presente neste momento como “mourning” e “grief”, que expressam o sentimento de aflição. Por exemplo: na base “PubMed”, ilustrada na Figura 3, com a combinação de palavras-chave “virtual mourning”, encontrou-se um total de 21 artigos e, dentre estes, apenas 7 foram selecionados levando em conta o título; posteriormente, ao avaliar o resumo, apenas 2 artigos apresentaram conteúdo compatível com o que se busca no presente trabalho.

Figura 3: Resultados das buscas no PubMed



Na base Elsevier, ilustrada na Figura 4, tem-se um número total de artigos maior, porém, ao final, referente aos que foram selecionados pelo resumo, encontram-se menos artigos que na base anterior.

Figura 4: Resultados das buscas no Elsevier

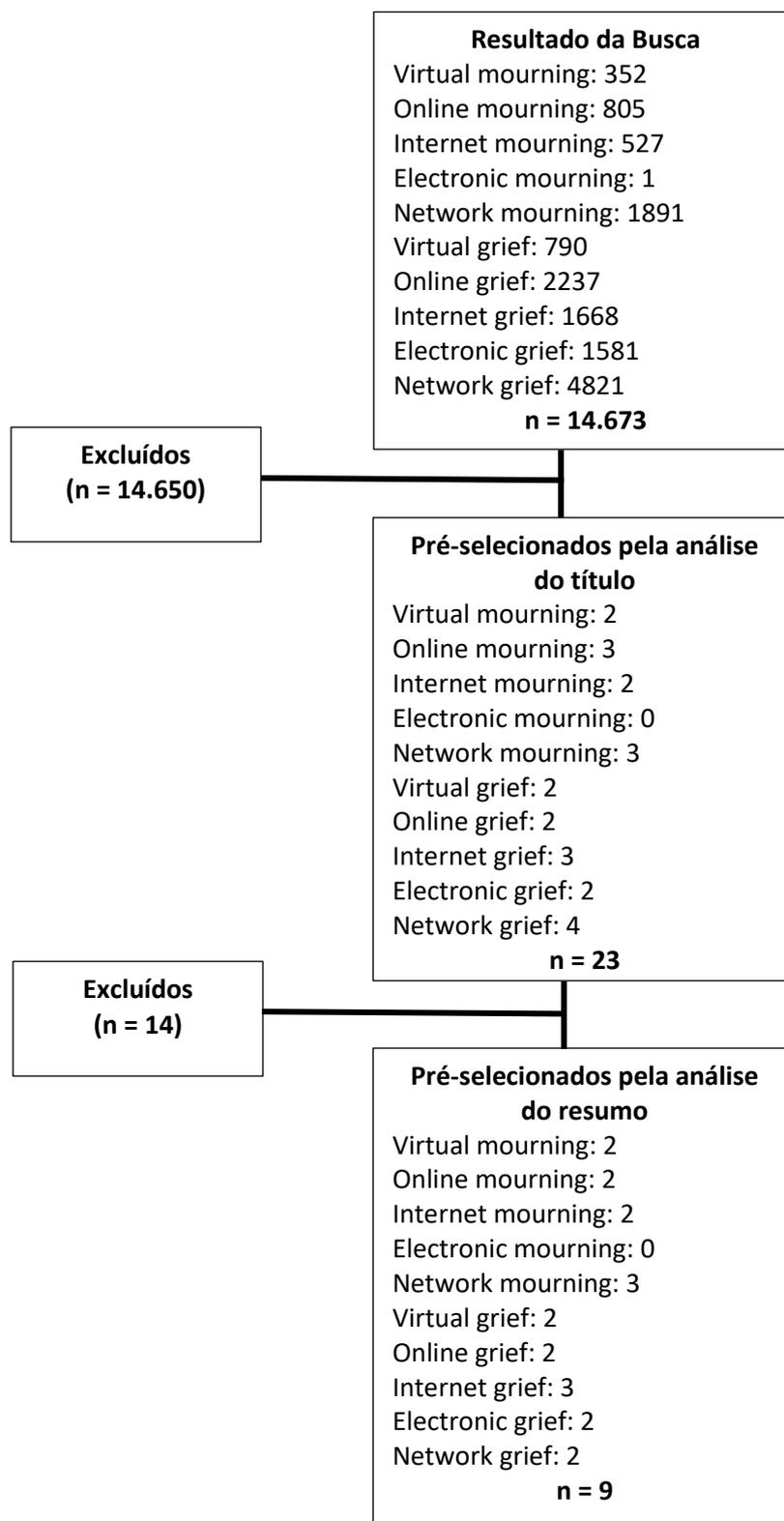
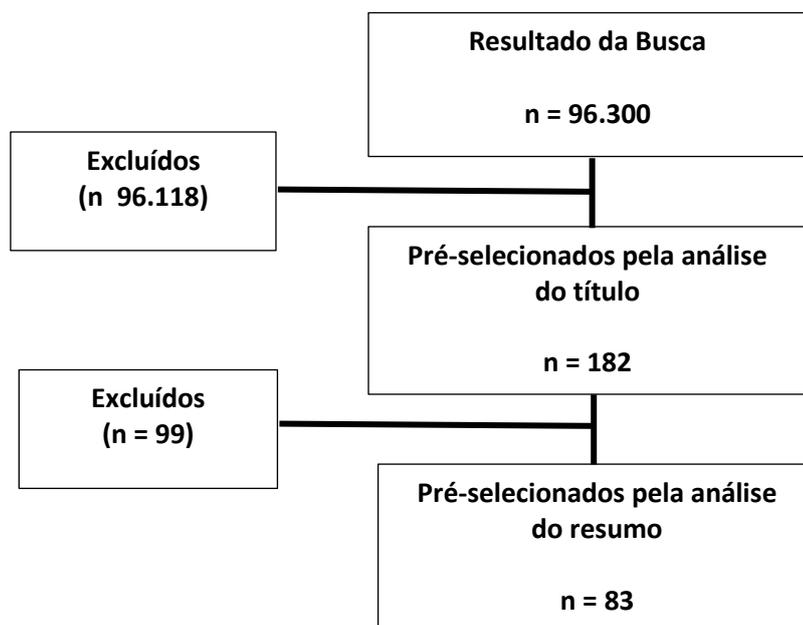


Figura 5: Resultados das buscas no total



Assim, conforme descrito na última figura, ao final da busca por combinações de palavras-chaves obteve-se 96.300 artigos. Após a avaliação destes artigos, foram selecionados 182 artigos que, por fim, ao terem seus resumos analisados, restaram 83 artigos selecionados ao final. É importante evidenciar que, mesmo na troca de bases de dados e combinações de palavras chaves, os artigos acabaram por se repetir e, conseqüentemente, no fim da seleção de artigos, apenas 17 artigos eram diferentes entre si, o valor restante representava apenas repetições destes.

Os motivos da exclusão dos artigos envolveram inúmeros fatores. A principal causa ocorreu por não serem estudos sobre o luto voltado para o âmbito das interações virtuais. É importante destacar que a grande maioria de estudos encontrados foi realizada por profissionais de outras áreas que, por sua vez, não analisaram o fator psicológico aliado ao tema do luto e às interações virtuais que ocorrem neste momento. Desta forma, dos artigos selecionados pela análise do título, foram excluídos aqueles que tinham contexto voltado apenas para o processo de luto de forma geral.

Assim, ao final, os 17 artigos selecionados foram analisados e o resultado deste trabalho segue nos próximos parágrafos.

Ramos (2015), no artigo intitulado “Além-túmulo no Facebook: Vida após a Morte e Luto na Era Digital”, faz referência à maneira que se vê o luto e os rituais associados a morte através da expansão temporal, espacial e social, principalmente no contexto atual do mundo totalmente influenciado pelas mídias sociais. Através da pesquisa realizada no presente artigo, foi possível ver como o Facebook mudou a vivência do luto, como é a política de memorialização dos perfis de falecidos e, por fim, oferece um comparativo de memoriais, online e off-line.

Como conclusão, o autor evidencia a questão do não anonimato nas redes sociais, e que este fato é predominante no uso de perfis de redes sociais como memorial de falecidos, fazendo com que esta representação se torne atemporal e vitalícia. O que difere é a maneira como conduzem os antigos rituais da vida cotidiana, nas redes sociais, segundo o autor, este fato torna o público participante ativo na construção de uma memória coletiva e de uma identidade persistente. Assim, as novas tecnologias possibilitam a passagem de rituais antigos para o mundo digital, porém, com novas maneiras de participação no contexto da morte. E, finaliza dizendo que, diante da irreversibilidade da morte, futuramente o número de perfis destinados a memória de falecidos poderá superar o número de perfis dos vivos, conseqüentemente a imortalidade digital.

Peruzzo et al (2007), no artigo intitulado “A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet”, analisa de que forma o luto é expresso na internet, analisando depoimentos em comunidades destinadas a homenagear pessoas mortas. Apesar da análise ter sido feita baseada no site de relacionamentos Orkut, que já não existe nos dias atuais, o estudo apresenta conclusões cabíveis a atualidade vivida no Facebook. Com clareza, o presente artigo afirma que a internet possui um papel importante na elaboração do luto pelos jovens, porém, levando-se em conta a individualidade de cada vivência, tornou-se impossível generalizar que a internet seja eficiente, ou não, para a superação do luto.

Como conclusão, evidenciou-se o fato de que, mesmo diante de pessoas mortas, os usuários da rede falavam dos falecidos de maneira direta, como se estivessem vivos. Além disso, denotou a importância da mudança dos limites que as redes sociais impuseram no que diz respeito a exposição de assuntos particulares, dando relevância ao fato de que as redes sociais exercem grande influência, principalmente no âmbito psicológico.

Tomasi (2012), no artigo intitulado “Com lembrancinhas de morte e homenagens ao ente falecido: As práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2010)”, apontou que o estudo procura compreender como a expressão de luto, em que se vive este momento individualmente e silenciosamente, típico da contemporaneidade, encontra espaço e se manifesta no mundo virtual. Destinado a observar o site de relacionamento Orkut, no Brasil, o estudo concluiu que, por um lado, o contato com imagens e mensagens deixadas por um falecido em redes sociais pode causar sentimentos de conforto para seus entes queridos e amigos, mas, em contrapartida, para outros pode ser um agravante ao sofrimento de quem vive o processo de luto. De fato, o que mais se destacou foi a constatação da necessidade dos enlutados em manifestar a sua dor, através de mensagens publicadas, imagens e manifestações saudosas, em sites de relacionamentos.

Bouso et al (2014), no artigo intitulado “Uma nova forma de luto: os efeitos da revolução tecnológica”, destacam a importância da atenção e da ética dos provedores de serviços da internet, quanto a consequências e riscos relacionados a manifestação do luto na internet, evidenciando a importância de manter a mesma ética do ambiente off-line, no ambiente online. Concluiu-se que, a internet veio como um espaço que permite ao enlutado conectar-se e sentir-se menos solitário diante da perda característica deste momento. Desta forma, o enlutado é capaz de sentir seu luto reconhecido e normalizado. Por outro lado, a expressão do luto nas redes pode representar a banalização da morte e, por sua vez, minimizar os sentimentos e particularidades desta vivência. Considerando a vulnerabilidade característica dos enlutados, percebe-se que os mesmos cuidados que se tem ao vivenciar o luto *off-line* apresentam-se necessários na vivência do luto online.

Bouso et al (2012), no artigo intitulado “A prática do luto interativo no Facebook” falam, além da análise do enlutado diante da expressão do seu luto em redes sociais, também em como se dá a importância de analisar o comportamento dos demais usuários que estão observando este processo. Após a verificação de conteúdos sobre morte presentes no Facebook, conclui que os temas mais abordados referem-se a: expressar reações emocionais e cognitivas à morte; manter-se conectado ao falecido; divulgar homenagens, eventos e agradecimentos e expressar condolências aos familiares. Evidenciou-se, também, a linguagem direta ao dirigir-se ao falecido e à família do mesmo.

De acordo com os resultados apresentados neste artigo, conclui-se que os sites de redes sociais online, podem sim ajudar no enfrentamento do luto, atuando como

facilitador do processo, não só por colaborar com a expressão do sofrimento, mas também por oferecer interações que permitem o reconhecimento da relação com o falecido e suas próprias emoções. Constatou-se, também, a questão da transformação dos limites, que hoje permitem que os usuários da rede tratem de assuntos tão particulares, como a morte e o morrer.

Oliveira Cruz (2011), no artigo intitulado “EXPRESSÕES VIRTUAIS DA DOR: Notas sobre as manifestações de luto na internet”, teve o intuito de compreender como as especificidades da internet colaboram com as significações culturais e sociais do luto, analisando não apenas o luto por alguém próximo, como por alguém desconhecido. O autor ainda esclarece que o que ocorre na internet depende do tipo de comunicação experimentada pelos homens que se encontram “por trás” destes computadores.

O autor conclui que, apesar da cibercultura oferecer um novo ambiente para a vivência da morte, ainda assim permanece envolvida nos conflitos comuns que se observam na vida real. Pois, o mundo virtual é uma extensão do mundo real, onde o anonimato não descarta o fato de que, apesar de ser vivenciado virtualmente, ainda é feito por seres humanos com conflitos reais. Portanto, a relação dos indivíduos com a morte na internet permanece tensa e contraditória, cheia de paradoxos.

Gurgel et al (2011), no artigo “LUTO VIRTUAL: o processo de elaboração do luto no ciberespaço”, discorre sobre a manifestação emocional decorrente do processo de luto que utiliza como ambiente, o mundo virtual. Expressa a grande contradição do luto vivenciado cotidianamente, em que se mantém regado de privacidade, para o luto expressado na internet, onde o enlutado torna público seu sofrimento. Assim, constata que não se trata de uma nova forma de luto, mas, de um novo ambiente em que o luto é publicizado, o que o autor diz ser típico da sociedade contemporânea.

O estudo faz comparações com a questão social e diz que a utilização do ciberespaço como local de manifestação do luto tem sido uma saída para a sociedade contemporânea que, historicamente, precisa resolver questões relacionadas a perda. Ainda diz que, ao mesmo tempo que o luto virtual pode ser considerado um hábito contemporâneo que torna a vivência do luto mais democrática e condizente com o ritmo individualizado, torna-se espaço para o desrespeito aos mortos e enlutados, uma vez que esta ação não tem limites visíveis, daí a importância de que esta vivência pode ser um agravante para a não elaboração do luto. Conclui que, este luto pode ser “do” mundo

virtual, pois emana situações do mundo *online* para o *off-line*, significando uma carência de outros espaços na sociedade contemporânea.

Melo (2016), no artigo “Ritos digitais, táticas e finitude: Confrontando a morte no Facebook”, demonstrou que este tipo de comportamento manifestado pela expressão do luto na internet não se trata apenas do resultado de um trabalho de luto, mas, principalmente, da rede social utilizada como ferramenta de comunicação.

Bouso et al (2014), no artigo intitulado “Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa”, objetivou analisar a utilização do Facebook por enlutados diante da morte de um ente querido e, conseqüentemente, o compartilhamento de conteúdo no perfil dos falecidos. O estudo indica as redes sociais como impulsionadoras da manifestação de sentimentos, normalmente retraídos, proporcionando a interação de temas que dificilmente são tratados abertamente, o que, segundo o autor, favorece a elaboração do luto de pacientes, familiares e profissionais que enfrentam o processo de morte e luto.

Como conclusão, o autor indica que o uso das redes sociais online pode facilitar o enfrentamento do luto, não só como possibilidade de suporte social, mas também como interações que ajudam a refletir sobre a relação com o enlutado e com suas próprias emoções. Por isso, abre a possibilidade de ajudar os profissionais na aproximação com familiares e da compreensão do processo do luto.

Tomasi (2011), no artigo intitulado “Dor de filhas, mães, irmãs e esposas: As mulheres enlutadas na rede social Orkut no Brasil (2004-2011)”, procurou mostrar com este estudo como, em tempos de morte introspectiva, o Orkut como rede social de comunicação, tornou-se lugar para a manifestação de rituais post-mortem para mulheres enlutadas. Como conclusão, identificou-se que as mulheres enlutadas se utilizavam de perfis pessoais como espaço para a demonstração da dor causada pelo luto, evidenciando que as fotos e mensagens deixadas pelo morto, ainda em vida, servem de ajuda para o enfrentamento do processo de luto.

Albuquerque (2007), no artigo intitulado “VIVER E MORRER NO ORKUT: os paradoxos da rematerialização do ciberespaço”, o referido artigo trata de como a morte se apresenta em redes sociais, neste caso, o Orkut. Em sua conclusão, o autor oferece hipóteses sobre as conseqüências do luto vivenciado em redes sociais. A primeira, trata-se da dificuldade de indivíduos enlutados em se desprender da pessoa que faleceu, por

ainda conseguir acesso a sua vida através de seu perfil em redes social. A segunda, refere-se a dificuldade em encerrar um perfil em rede social, após a morte de seu administrador, que também pode se tornar traumática. E, por fim, os usuários que entendem a morte como a oportunidade de conhecer, verdadeiramente, os donos dos perfis deixados *online*, levando em conta que, a partir deste momento, pessoas que conviveram efetivamente com o falecido irão conduzir o conteúdo postado em seu perfil. A partir disto, a morte oferece a possibilidade de vislumbrar, por trás do perfil “artificial”, a vida real de quem se foi.

Tomasi (2013), no artigo intitulado “Com choros, súplicas e comoções: o luto nos perfis pessoais de falecidos na rede social do Orkut no Brasil”, objetivou compreender esta nova forma de sociabilidade e as interações que ela produz, além da possibilidade de tornar estas páginas da internet como documento histórico. Buscou também analisar as relações e distinções desta nova forma de vivenciar o luto e a individualização da dor da perda, característica da contemporaneidade.

Contudo, o que foi constatado é que, mesmo depois de anos após a morte de um ente querido, os familiares preferem deixar o perfil do falecido ativo. Ainda revela, a partir de relatos de pessoas enlutadas, que o acesso ao perfil de quem já morreu ajuda a passar pelo processo de luto de forma menos dolorosa, enfatizando que, em suma, essas visitas aos perfis de quem faleceu, ocorre com mais frequência em datas especiais, como: aniversário, Natal, ano novo, feriado de finados, entre outros.

Rigo (2012), no artigo “Curtir? Compartilhar? Comentar? Chorar? Cyberespaço e suas manifestações sobre a morte no Facebook a partir da perspectiva da imortalidade de Zygmunt Bauman”, buscou-se compreender como a morte e a imortalidade são expressas, ao mesmo tempo no Facebook, segundo a concepção de Zygmunt Bauman. Conclui-se que, atualmente, uma notícia de morte postada em redes sociais é apenas mais uma notícia para ser curtida, compartilhada ou comentada, assim como todas as outras que se vê cotidianamente.

O autor também diz que uma atualização sobre morte alheia é vista como excelente oportunidade de se mostrar presente no espaço virtual, como se isso acrescentasse algo a vida de quem tem este tipo de atitude. Discorre sobre a banalização da morte, conforme o pensamento de Bauman, e diz que o fato de relacionarem a morte com frase engraçadas nas redes sociais, é um exemplo desta banalização. Além da falta de sensibilização com a morte do outro, também foi concluído pelo autor que as pessoas

utilizam do humor para falar da morte no intuito de afastar a morte de sua vida perfeita, no mundo virtual.

Mueller (2014), no artigo “Memorial Facebook. Meu Epitáfio é minha página. As representações da morte no ciberespaço”, teve por objetivo analisar e descrever como a presença do “corpo virtual” do falecido no ciberespaço altera e afeta a manifestação do luto e a relação das pessoas com a morte. Concluiu-se que pode estar surgindo, junto a sociedade atual, uma nova forma de encarar a morte, mudando a cultura atual e dando o entendimento de que as redes sociais podem ser consideradas extensões do homem, esta continuidade no mundo virtual é comparada ao mundo *off-line*, onde os entes queridos que ficam cuidam das lápides dos mortos; de igual forma, no mundo online a preocupação é a preservação do perfil de quem já se foi. O autor termina dizendo que há uma evidente recusa de aceitar a morte, possível de ser visualizada no contexto do luto no virtual.

Bouc et al (2016), no artigo intitulado ““Why are they commenting on this page?”: Using Facebook profile pages to continue connections with the deceased”, examinou o que os vivos discutem nas páginas de perfil do Facebook dos entes queridos falecidos e como essas mensagens mudam ao longo do tempo. O autor conclui que os enlutados utilizam as redes sociais como meio de renegociar a morte do ente querido, dando um novo sentido ao relacionamento após a morte. Elenca, por fim, que os propósitos principais do uso do Facebook para este fim, são: processar a morte, lembrar o falecido e continuar a conexão. O estudo constatou também que, com o passar do tempo, as postagens nos perfis dos falecidos vão diminuindo a frequência.

Kern (2013), no artigo “R.I.P.: Remain in perpetuity. Facebook memorial pages” trouxe a análise de 550 memoriais no Facebook, no intuito de entender como este espaço tornou-se também um local de homenagens. O autor conclui que o luto vivenciado nas redes sociais é uma nova forma de passar por este momento de dor e perda, fruto de uma nova cultura construída pela sociedade contemporânea. Agora, não se visita mais lápides ou deixam-se flores nos túmulos e, sim, deixam-se mensagens nos perfis dos falecidos, cuida-se para que esta página se mantenha “viva” de lembranças. De certa forma, os enlutados veem as postagens nos perfis de falecidos como uma obrigação com a pessoa querida que se foi e, embora não haja comunicação explícita nestes ambientes, as pessoas que visitam estes perfis estão sempre se comunicando.

Giaxoglou (2015), no artigo intitulado ““Everywhere I go, you’re going with me”: Time and space deixis as affective positioning resources in shared moments of digital mourning” traz *insights* relevantes para o estudo do luto público em relação ao desempenho digital do eu e contribui para o estudo empírico de tempo e espaço no discurso e participação online. Conclui que o enlutado ganha pontos centrais nas projeções contínuas de afeto e sociabilidade após a morte de alguém, que apontam para a complexidade da experiência individual e social de luto digna de mais discussão no campo da morte online.

A tabela a seguir apresenta um resumo dos artigos analisados, apresentando os nomes dos autores e o ano da publicação do artigo, as principais ideias abordadas no estudo, as características de cada estudo e o enfoque principal da conclusão dos trabalhos. Também foi apresentada, por último, a classificação Qualis de cada trabalho para que se tenha uma ideia da qualidade dos periódicos em que estes artigos foram publicados.

Tabela 1 – Resumo da análise dos resultados

Autor(es) e ano	Principais ideias do autor	Característica do estudo, perfil populacional e amostragem	Conclusões	Qualis
Ramos (2015)	Faz referência à maneira que se vê o luto e os rituais associados a morte através da expansão temporal, espacial e social, principalmente no contexto atual do mundo totalmente influenciado pelas mídias sociais.	Uma pesquisa sobre as manifestações de morte e luto através análise dos perfis do Facebook e uma comparação com o memorial tradicional (off-line).	As novas tecnologias possibilitam a passagem de rituais antigos para o mundo digital, porém, com novas maneiras de participação no contexto da morte. Futuramente o número de perfis destinados a memória de falecidos poderá superar o número de perfis dos vivos, consequentemente a imortalidade digital.	B2
Peruzzo et al (2007)	A forma da comunicação sobre falecido e o sentido do que foi comunicado, evidenciou-se que os jovens não se dirigiam somente a outros internautas, mas também ao falecido e o	Foram analisados quatorze depoimentos, escritos por jovens que perderam alguém recentemente expostos em	Mesmo diante de pessoas mortas, os usuários da rede falavam dos falecidos de maneira direta, como se estivessem vivos. Além disso, denotou a importância da mudança dos	A2

	conteúdo no geral tratou sobre memórias, expressões de carinho e saudade por parte dos depoentes.	comunidades virtuais criadas para “homenagear” pessoas mortas.	limites que as redes sociais impuseram no que diz respeito a exposição de assuntos particulares.	
Tomasi (2012)	Procurou-se analisar como em tempos de morte silenciada e interdita, o Orkut, uma rede social de comunicação e relacionamento, tornou-se um ambiente para praticar rituais post-mortem em mensagens textuais (recados, depoimentos e debates em fóruns de discussões) e imagens.	Realizou-se uma pesquisa nas páginas de recados de perfis pessoais de mortos, variadas expressões de luto.	Por um lado, o contato com imagens e mensagens deixadas por um falecido em redes sociais, pode causar sentimentos de conforto para seus entes queridos e amigos, mas, em contrapartida, para outros pode ser um agravante ao sofrimento de quem vive o processo de luto.	B4
Bouso et al (2014)	A importância da atenção e da ética dos provedores de serviços da internet, quanto a consequências e riscos relacionados a manifestação do luto na internet, evidenciado a importância de manter a mesma ética do	Baseou-se nas pesquisas realizadas pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Perdas e Luto (Nippel), da Universidade de	A internet veio como um espaço que permite o enlutado se conectar e sentir-se menos solitário diante da perda característica deste momento e sentir seu luto reconhecido e normalizado. A expressão do luto nas redes pode representar	B3

	ambiente off-line, no ambiente online.	São Paulo (USP), em redes sociais.	a banalização da morte.	
Bousso et al (2012)	A utilização da rede social Facebook por enlutados pela morte de um ente querido e analisar o comportamento dos demais usuários e consequente compartilhamento de conteúdo no perfil do falecido postumamente mediada por esta plataforma.	Foram analisados 195 comentários postados no perfil no Facebook do falecido postumamente durante o primeiro mês da morte do mesmo.	Foi possível identificar categorias temáticas que incluem comentários ao falecido, sentimentos, emoções, indicadores de estratégias de enfrentamento do luto, crenças religiosas e homenagens. As redes sociais virtuais impulsionam a manifestação de sentimentos usualmente retraídos, permitindo a interação social de temas considerados tabus.	Não possui
Oliveira Cruz (2011)	Reflete sobre representações do luto na cibercultura e busca compreender como as especificidades da Internet enquanto ambiente comunicacional colaboram com as	As análises foram divididas entre manifestações que revelam uma relação próxima entre enlutado e falecido e demonstrações de	Sugere a observação da interferência mútua entre os signos culturais sobre a morte circulantes na Internet e aqueles produzidos fora dela.	Não possui

	(re)significações culturais e sociais sobre a morte.	luto para mortes de desconhecidos.	
Gurgel et al (2011)	O mundo virtual tem se tornado um espaço de demanda espontânea e privilegiado para a manifestação do luto, o que entra em contraste com os hábitos cotidianos nos quais a manifestação do luto é cada vez mais relegada ao privado, rápido e superficial.	Elegeu como método o esquematismo kantiano e como material os casos expostos em sites da internet.	Não se trata de uma nova forma de luto, mas de um novo espaço no qual o luto passa a ser publicizado, típico das sociedades contemporâneas.
Melo (2016)	Este tipo de comportamento manifestado pela expressão do luto na internet, não se trata apenas do resultado de um trabalho de luto, mas, da rede social utilizada como ferramenta de comunicação.	Pesquisa documental e bibliográfica.	Este tipo de comportamento manifestado pela expressão do luto na internet, não se trata apenas do resultado de um trabalho de luto, mas, da rede social utilizada como ferramenta de comunicação.

B4

B2

<p>Bousso et al (2014)</p>	<p>O estudo indica as redes sociais como impulsionadoras da manifestação de sentimentos, normalmente retraídos, proporcionando a interação de temas que dificilmente são tratados abertamente, o que, segundo o autor, favorece a elaboração do luto de pacientes, familiares e profissionais que enfrentam o processo de morte e luto.</p>	<p>Foram analisados 195 comentários postados no perfil do Facebook do falecido postumamente durante o primeiro mês da morte dele.</p>	<p>O autor indica que o uso das redes sociais online pode facilitar o enfrentamento do luto, não só como possibilidade de suporte social, mas também como interações que ajudam a refletir sobre a relação com o enlutado e com suas próprias emoções.</p>	<p>A2</p>
<p>Tomasi (2011)</p>	<p>Como, em tempos de morte introspectiva, o Orkut como rede social de comunicação, tornou-se lugar para a manifestação de rituais post-mortem para mulheres enlutadas.</p>	<p>Análise da participação das mulheres em perfis pessoais e comunidades destinados a pessoas falecidas.</p>	<p>As mulheres enlutadas se utilizavam de perfis pessoais como espaço para a demonstração da dor causada pelo luto, evidenciando que as fotos e mensagens deixadas pelo morto, ainda em vida, servem de ajuda para o enfrentamento do processo de luto.</p>	<p>B4</p>

Albuquerque (2007)	O artigo se propõe a discutir aspectos relativos à experiência da morte, tal como ela se apresenta no Orkut, site de relacionamentos que se tornou tremendamente popular entre os usuários brasileiros.	Análise das postagens em perfis e comunidades do Orkut, em datas que marcaram mortes importantes para o mundo e, também, perfis particulares de falecidos.	Os usuários que entendem a morte como a oportunidade de conhecer, verdadeiramente, os donos dos perfis deixados online, levando em conta que, a partir deste momento, pessoas que conviveram efetivamente com o falecido, irão conduzir o conteúdo postado em seu perfil.	Não possui
Tomasi (2013)	Compreender as novas formas de sociabilidade e as variadas relações e interações vivenciadas pelos internautas no espaço virtual, além de esboçar a utilização das páginas da internet como um documento para o campo da história.	Análise de perfis pessoais de falecidos que permanecem online no Orkut ou comunidades criadas para homenagear um morto.	Mesmo depois de anos após a morte de um ente querido, os familiares preferem deixar o perfil do falecido ativo e, ainda revela, a partir de relatos de pessoas enlutadas, que o acesso ao perfil de quem já morreu ajuda a passar pelo processo de luto de forma menos dolorosa.	B4

Rigo (2012)	Como a morte e a imortalidade são expressas, ao mesmo tempo no Facebook, segundo a concepção de Zygmunt Bauman.	A pesquisa foi feita a partir do monitoramento, no Facebook, de perfis de enlutados e do monitoramento de páginas comunitárias que foram criadas com o intuito de abordar a temática da morte e o luto.	Constatou-se a banalização da morte, conforme o pensamento de Bauman, e diz que o fato de relacionarem a morte com frase engraçadas nas redes sociais, é um exemplo desta banalização. Além da falta de sensibilização com a morte do outro, também foi concluído pelo autor que as pessoas utilizam do humor para falar da morte no intuito de afastar a morte de sua vida perfeita, no mundo virtual.	Não possui
Mueller (2014)	Como a presença do “corpo virtual” do falecido no ciberespaço, altera e afeta a manifestação do luto e a relação das pessoas com a morte.	Realizou-se um levantamento bibliográfico de conceitos referentes ao ciberespaço e do levantamento histórico do relacionamento do homem ocidental com a morte.	Uma nova forma de encarar a morte, mudando a cultura atual e dando o entendimento de que as redes sociais podem ser consideradas extensões do homem, esta continuidade no mundo virtual é comparada ao mundo off-line, onde os entes queridos que ficam	Não possui

			cuidam das lapides dos mortos.	
Bouc et al (2016)	O que os vivos discutem nas páginas de perfil do Facebook dos entes queridos falecidos e como essas mensagens mudam ao longo do tempo.	Uma análise de conteúdo de 2533 mensagens publicadas em dez páginas de perfil de pessoas falecidas no Facebook.	Uma análise de mensagens ao longo do tempo indica que as mensagens relativas ao processamento da morte e lembrando o pico falecido imediatamente após a perda e, em seguida, diminuir a frequência, enquanto as mensagens sinalizando conexões continuadas.	A2
Kern (2013)	Como o Facebook tornou-se um espaço também para homenagens pós-morte.	Uma análise de 550 memoriais no Facebook.	Os enlutados veem as postagens nos perfis de falecidos como uma obrigação com a pessoa querida que se foi e, embora não haja comunicação explícita nestes ambientes, as pessoas que visitam estes perfis estão sempre se comunicando.	B2

---

Giaxoglou (2015)	Traz insights relevantes para o estudo do luto público em relação ao desempenho digital do eu e contribui para o estudo empírico de tempo e espaço no discurso e participação online.	Uma análise empírica da Do que foi compartilhado em peris do Facebook, sobre morte.	O enlutado ganha pontos centrais nas projeções contínuas de afeto e socialidade após a morte de alguém, que apontam para a complexidade da experiência individual e social de luto digna de mais discussão no campo da morte online.	Não possui
------------------	---	---	--	------------

---

Pode-se observar, a partir da síntese dos artigos selecionados, que não há unanimidade no que diz respeito ao uso das redes sociais para expressar o luto, ou quanto ao ser benéfico ou prejudicial para o processo de elaboração do luto. Em sua maioria, os artigos apresentam as duas possibilidades e deixam claro que, a depender das particularidades de cada indivíduo, poderá ser verificado que tipo de consequências essa vivência acarretará neste momento de sofrimento e dor. Outro fato predominante relatado nos artigos é o quanto o luto no virtual tem sido um fator considerável na quebra de tabus quando o assunto é a morte, pois a característica informal das redes sociais tem feito com que a morte seja falada e vista de forma mais corriqueira.

O mundo contemporâneo vem modificando os valores culturais, antes enraizados na sociedade, justamente por expor de forma mais intensa as relações, antes um pouco mais reclusas, com o uso da internet. Mesmo à distância, separados por uma rede infinita, as pessoas conseguem interagir através do mundo virtual e esta vivência tem sido muito significativa, a ponto dos usuários dividirem as experiências dolorosas e de intenso sofrimento, como a perda de um ente querido. Alguns artigos ainda abordaram a questão ética, oferecida pelas redes sociais na questão dos perfis de falecidos que são mantidos online, pois, existem vários tipos de reações possíveis quando este contato com a história de vida do falecido é oferecido, e deixam clara a importância deste tema ser abordado de forma mais profunda, principalmente por não abordarem o fator psicológico envolvido neste contexto.

Em relação a classificação Qualis (em ordem decrescente A1; A2; B1; B2; B3; B4; B5 e C - com peso zero), os artigos apresentaram variados níveis de classificação, porém, nenhum tem classificação A1, considerada excelente, na área da Psicologia e ciências humanas. Apenas três artigos oferecem classificação mais alta, A2, são eles: A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet (PERUZZO; et al., 2007), Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa (BOUSSO; et al., 2014) e “Why are they commenting on this page?”: Using Facebook profile pages to continue connections with the deceased (BOUC; et al., 2016). Alguns artigos não apresentam classificação Qualis. Vale ressaltar que esta classificação não avalia de forma direta a qualidade dos artigos ou das pesquisas publicadas, mas sim dos periódicos destas publicações. Como parte do processo da revisão sistemática, este trabalho estará sujeito a aprimoramento periódico, por autores externos, no intuito de

mantê-la atualizada no que se refere aos estudos que ainda surgirão, sobre o processo de luto no virtual.

## 5 CONCLUSÃO

Nota-se que o processo do luto vem passando por transformações, de acordo com as mudanças da sociedade, porém, esta vivência nunca deixou de ser um tabu em qualquer época. Entende-se que o luto é um processo e não uma patologia, mas, a depender das particularidades da elaboração deste processo para cada indivíduo, há a possibilidade de tornar-se uma doença. Através da pesquisa bibliográfica inicial, consegue-se perceber que, mesmo utilizando autores diferentes, as fases ou tarefas que constituem o processo do luto permeiam entre sentimentos de raiva, revolta, incredulidade, mudança e aceitação.

O luto no virtual surge, neste contexto, como uma saída para a sociedade contemporânea, que encontrou no espaço virtual uma maneira de manifestar o luto e, ao mesmo tempo, não abandonar a característica de individualidade tão presente nos hábitos atuais. Leva-se em conta a praticidade oferecida pela internet e o fato de ser um uma ação em um ambiente que não possui limites visíveis, o que pode ser um agravante para a não elaboração do luto. Em contrapartida, esta vivência nas redes sociais possibilitou a expansão dos limites no que diz respeito a assuntos de cunho particular, como a morte. Aliado a este fator, assuntos que são tabus para a sociedade em geral tornaram-se mais acessíveis, não podendo deixar de enfatizar que, cada vez mais, a internet torna-se uma extensão da vida “*off-line*”, por isso carrega as mesmas contradições e dificuldades do mundo real.

De fato, é importante destacar que a existência de perfis de falecidos em redes sociais dá a chance de que pessoas aleatórias tenham acesso a informações que o dono do perfil não controla mais, o que acaba sendo um “*atrativo*”, pois, possibilita que os usuários da rede tenham acesso ao indivíduo tal como é, tendo em vista que as postagens que antes eram controladas pelo dono do perfil, passam a ser de familiares e amigos do falecido, dando livre acesso a vida real de quem faleceu. É necessário que os usuários das redes sociais tenham em mente que é de extrema importância que se tenham os mesmos cuidados da vida real na vivência da morte nas redes sociais.

A maioria dos artigos encontrados denota que o uso das redes sociais pode ser um facilitador na elaboração do luto, pois promove uma comunicação aberta e abrangente, diferente do que se tem no mundo *off-line*. A manifestação do luto no ambiente virtual

também oferece ao enlutado a possibilidade de interação que, por sua vez, abre caminhos para que o indivíduo em processo de luto se reconheça e perceba os sentimentos e emoções em que está envolvido. De forma igualitária está a importância do reconhecimento, tão esperado pelo enlutado, de sua dor. Pode-se concluir que, de forma indireta, o mundo virtual oferece certo conforto quando se trata da morte e morrer. O que fica implícito é a veracidade deste reconhecimento, visto que muitas pessoas consideram a notícia da morte de algum contato virtual como uma chance de aparecer nas redes sociais, como se este acontecimento acrescentasse algo bom em sua vida online.

Levando em conta a explosão das redes sociais no mundo, bem como os milhares de usuários destas redes, torna-se explícito o quanto este ambiente pode influenciar psicologicamente um usuário. O que é preciso entender é que não há uma nova forma de vivenciar o luto. Ele continua passando pelos mesmos processos naturais e inerentes a perda, porém, o que mudou com o surgimento das redes sociais foi o ambiente em que este processo de luto passou a ser vivido. Visto que, em tempos de contato pessoal cada vez mais difícil, o ambiente virtual é um facilitador da comunicação e interação entre pessoas. Por outro lado, não se deve desconsiderar as particularidades de cada indivíduo que, mesmo atrás de um computador, continua vivendo situações reais e sentimentos também reais. Por este motivo, torna-se difícil dizer de forma unânime que o luto no virtual é um facilitador ou um fator prejudicial na elaboração do luto. O essencial neste momento é o reconhecimento dos limites pessoais e emocionais de quem utiliza a rede como meio de expressão.

Por fim, é visível a necessidade da realização de estudos que incluem a vivência da morte em ambiente virtual e os fatores psicológicos específicos deste processo, principalmente, realizados por profissionais da área da psicologia. Notou-se que, apesar de ser um assunto novo, o luto no virtual é visivelmente fruto da sociedade contemporânea, por isso, cada vez mais comum na realidade das pessoas e tão pouco reconhecido no infinito mundo virtual. Facilitador ou não, este novo ambiente é, cada vez mais, o local escolhido para a expressão de quase todos os acontecimentos importantes da sociedade e necessita de uma atenção e investigação especial. No âmbito psicológico, é possível perceber que o luto no virtual oferece possibilidades de intervenção para os profissionais da psicologia, mas antes, este ambiente precisa ser devidamente reconhecido e estudado.

Este trabalho foi apresentado como Resumo Expandido (disponível no Apêndice I) na XVI Jornada de Iniciação Científica do CEULP/ULBRA e foi premiado com o 1º Lugar entre os trabalhos da Área de Ciências Humanas.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Milena do Socorro Oliveira. Morte, Consumo e novas tecnologias: As mídias digitais como novas formas de ritualização. **Cadernos de Comunicação**, Belém, v. 19, n. 2, p.13-27, dez. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/jessica/Desktop/Artigos/Luto no ciberespaço Google Acadêmico 24/14355-100180-1-PB (1).pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.
- BOUC, Amanda; HAN, Soo-hye; PENNINGTON, Natalie. "Why are they commenting on his page?": Using Facebook profile pages to continue connections with the deceased. **Computers In Human Behavior**, Milford, v. 62, p.635-643, abr. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/jessica/Desktop/Artigos/Internet grief/1-s2.0-S0747563216303028-main.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.
- BOUSSO, Regina Szylyt et al. Uma nova forma de luto: os efeitos da revolução tecnológica. **ComCiência**, Campinas, n. 163, p.1-6, nov. 2014. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- BOUSSO, Regina Szylyt et al. Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. **Psicologia Usp**, [s.l.], v. 25, n. 2, p.172-179, ago. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420130022>.
- BOUSSO, Regina Szylyt et al. A prática do luto interativo no Facebook. **Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade**, Salvador, v. 1, p.1-16, out. 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/3818221-A-pratica-do-luto-interativo-no-facebook.html>. Acesso em: 20 set. 2016.
- RIGO, Kate Fabiani. Curtir? Compartilhar? Comentar? Chorar? Cyberespaço e suas manifestações sobre a morte no Facebook a partir da perspectiva da Imortalidade de Zygmunt Bauman. **Congresso Internacional da Faculdades Est**, São Leopoldo, v. 1, p.460-476, 2012. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/107/34>. Acesso em: 20 set. 2016.
- FAGUNDES, Fabiano. **LUTO NO VIRTUAL**: verificação da relação entre as fases do luto e a extinção operante a partir da vivência compartilhada em uma rede social virtual. 2012. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/2523477/LUTO\_NO\_VIRTUAL\_VERIFICACÃO\_DA\_RELACÃO\_ENTRE\_AS\_FASES\_DO\_LUTO\_E\_A\_EXTINÇÃO\_OPERANTE\_A\_PARTIR\_DA\_VIVÊNCIA\_COMPARTILHADA\_EM\_UMA\_REDE\_SOCIAL\_VIRTUAL>. Acesso em: 09 mar. 2016.

FELIÚ, Ximena. **Enfrentando a morte:** A experiência de luto em famílias de doadores de órgãos e tecidos. 2009. 78 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, 4 Estações Instituto de Psicologia, São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/monografia\\_ximena\\_feliu.pdf](http://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/monografia_ximena_feliu.pdf)>. Acesso em: 09 mar. 2016.

GALVÃO, Cristina Maria; SAWADA, Namie Okino; TREVIZAN, Maria Auxiliadora. Revisão Sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 12, p.549-556, maio/jun. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n3/v12n3a14>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

GIAXOGLU, Korina. Everywhere I go, you're going with me: Time and space deixis as affective positions resources in shared moments of digital mourning. **Discourse, Context And Media**, London, v. 8, p.55-63, 2015. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S221169581500029X>>. Acesso em: 20 set. 2016.

GURGEL Wildoberto Batista, KOVACS Maria Júlia, MOCHEL Elba Gomide, NAKASU Cedric Tempel, PORTUGAL Paula Karine Portela. Luto virtual: o processo de elaboração do luto no ciberespaço. **Cadernos de Pesquisa**, v. 18, n. 1. São Luís: 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/411/261>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

KERN, Rebecca, FORMAN, Abbe E., GIL-EGUI, Gisela. R.I.P.: Remain in perpetuity. Facebook memorial pages. **Telematics And Informatics**, Philadelphia, v. 30, p.2-10, 2013. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0736585312000263>>. Acesso em: 21 set. 2016.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer:** o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 299 p.

MARINHO, Ângela Heluy Ribeiro; MARINONIO, Cássia Cristina Rozzante; RODRIGUES, Luciana Costa Alemar. **O PROCESSO DE LUTO NA VIDA ADULTA DECORRENTE DE MORTE DE UM ENTE QUERIDO.** 2007. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/o\\_processo\\_luto\\_vida\\_adulta.pdf](http://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/o_processo_luto_vida_adulta.pdf)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

MATOS-SILVA, Mariana Santiago de. **"Teclando" com os mortos:** Um estudo sobre o uso do orkut por pessoas em luto. 2011. 152 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710425\\_11\\_pretextual.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710425_11_pretextual.pdf)>. Acesso em: 06 mar. 2016.

MELO, Rita. **Processo de luto:** o inevitável percurso face a inevitabilidade da morte. 2004. 19 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004. Disponível em: <[http://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/o\\_processo\\_luto\\_vida\\_adulta.pdf](http://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/o_processo_luto_vida_adulta.pdf)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

MUELLER, Leticia. Memorial Facebook. Meu Epitáfio é minha página. As representações da morte no ciberespaço. **Revista Uninter de Comunicação**, Santa Catarina, v. 2, n. 2, p.126-143, 2014. Disponível em: <<http://uninter.com/revistacomunicacao/index.php/revistacomunicacao/article/view/544>>. Acesso em: 15 set. 2016.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Carvalho Bezerra Freire de. EXPRESSÕES VIRTUAIS DA DOR: Notas sobre as manifestações de luto na internet. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p.176-191, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/11086>>. Acesso em: 20 set. 2016.

OLIVEIRA, Dafne Rosane. **Terapia do Luto**: contribuições e reflexões sob a perspectiva da Análise do Comportamento. 2014. 37 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <[https://www.academia.edu/7455245/Terapia\\_do\\_Luto\\_contribuicoes\\_e\\_reflexoes\\_sob\\_a\\_perspectiva\\_da\\_Analise\\_do\\_Comportamento](https://www.academia.edu/7455245/Terapia_do_Luto_contribuicoes_e_reflexoes_sob_a_perspectiva_da_Analise_do_Comportamento)>. Acesso em: 06 mar. 2016.

PEREIRA, Ângela Lima; BACHION, Maria Márcia. Atualidades em revisão sistemática de literatura, critérios de força e grau de recomendação de evidência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 4, n. 27, p.491-498, dez. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4633/2548>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

PERUZZO, Alice Schwanke et al. A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p.90-102, dez. 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812007000300008&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812007000300008&script=sci_arttext&tlng=en)>. Acesso em: 20 mar. 2016.

RAMOS, Hugo. Além-túmulo no Facebook: Vida após a Morte e Luto na Era Digital. **Observatorio (obs\*) Journal**, Lisboa, v. 9, n. 4, p.031-050, 2015. Disponível em: <<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/705>>. Acesso em: 20 set. 2016.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X Revisão narrativa. **Redalyc.org**, São Paulo, v. 20, n. 2, p.1-3, abr./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307026613004>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, Fev. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-35552007000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mar. 2016.

TOMASI, Juliana Massucheti. SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 2. 2014, Florianópolis. **Escrevendo para seus mortos: as mensagens post-mortem e as lápides virtuais nos cemitérios on-line (1990-2014)**. Florianópolis: Udesc, 2014. 15 p. Disponível em: <<http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/view/105>>. Acesso em: 20 set. 2016.

SILVESTRE, José Carlos; AGUILERA, Nuricel Villalonga. **Morte e luto no ciberespaço**. 2007. 5 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Nuricel Villalonga Aguilera e Jose Carlos Silvestre.pdf](http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Nuricel_Villalonga_Aguilera_e_Jose_Carlos_Silvestre.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2016.

TOMASI, Julia Massucheti. A morte no Orkut: as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2010). In: V SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 5., 2011, Santa Catarina. **Artigo Científico**. Santa Catarina: Abciber, 2011. p. 1 - 13. Disponível em: <[http://abciber.org.br/simposio2011/anais/Trabalhos/artigos/Eixo 4/4.E4/37-49-1-RV.pdf](http://abciber.org.br/simposio2011/anais/Trabalhos/artigos/Eixo_4/4.E4/37-49-1-RV.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2016.

TOMASI, Juliana Massucheti. Com choros, súplicas e comoções: o luto nos perfis pessoais de falecidos na rede social do Orkut no Brasil (2004-2011). **Percursos**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p.271-303, dez. 13. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724614272013271/3027>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

TOMASI, Julia Massucheti. ‘Com lembrancinhas de morte e homenagens ao ente querido: As práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2010)’. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, 11 (31): 181-204. Abril de 2012. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/TomasiArt.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

TOMASI, Julia Massucheti. Dor de filhas, irmãs, mães e esposas: As mulheres enlutadas na rede social Orkut no Brasil. **Revista Artemis**, Santa Catarina, v. 13, p.187-198, jul. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/14223>>. Acesso em: 21 set. 2016.

WAINSTOCK, Betty Carakushansky. Filhos que vão, pais que ficam: A web como recurso de comunicação durante o luto. 2013. 136f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912872\\_2013\\_completo.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912872_2013_completo.pdf)> . Acesso em: 09 mar. 2016.

WORDEN, J. W. *Terapia do Luto*. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

## APÊNDICE

### APÊNDICE I

#### UMA PROPOSTA DE REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE LUTO NO VIRTUAL<sup>1</sup>

J. T. Ferreira<sup>2</sup>, F. Fagundes<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Psicologia no Centro Universitário Luterano de Palmas. E-mail: jessicatomim00@gmail.com

<sup>3</sup> Cientista da Computação. Psicólogo. Mestre em Ciência da Computação. Professor dos cursos de Psicologia, Ciência da Computação e Sistemas de Informação no CEULP/ULBRA. E-mail: fagundes@ceulp.edu.br

#### XVI Jornada de Iniciação Científica do CEULP/ULBRA

**RESUMO:** A morte, desde as culturas mais antigas, sempre foi abominada pelo homem e, provavelmente, sempre será. Entender as fases que consistem o luto e todos os efeitos na pessoa enlutada pode possibilitar um melhor entendimento das reações e comportamentos tão comuns neste momento. A comodidade oferecida pelas redes sociais tornou comum o fato de pessoas preferirem utilizá-las ao enviar recados, deixar suas opiniões e, até mesmo, prestar seus sentimentos em momentos de luto, facilitando o contato com a pessoa enlutada. Desta forma surge o que se pode chamar de “luto no virtual”, quando os indivíduos utilizam estes perfis para expressar que se encontram em processo de luto. Este trabalho busca verificar, através de um trabalho de Revisão Sistemática, as consequências que este contato traz ao enlutado, bem como os benefícios ou malefícios oriundos desta maneira de lidar com a dor do luto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luto, Internet, Luto no Virtual.

**INTRODUÇÃO:** Compreender o luto e todo o seu processo é de fundamental importância para o psicólogo. O luto não está relacionado somente a perdas de vidas humanas. A perda de um animal de estimação, de um bem material que tem valor sentimental, a separação de um casal, ou mesmo a perda de um emprego, são vivenciadas como luto. De igual forma, não se acompanha o luto somente em um atendimento psicológico em clínica. O luto pode alterar o rendimento escolar de uma criança ou adolescente, atrapalhar o trabalho de um profissional em uma empresa, modificar relações em grupos. Ou seja, o profissional psicólogo pode se defrontar com situações relacionadas ao luto de forma muito frequente e não se dar conta disso. Entender o luto significa entender que o enlutado não está doente e sim passando por um processo. Muitas mudanças referentes a maneira de expressar o luto foram ocorrendo com o passar do tempo. Tomasi (2011) diz que na Idade Média, por exemplo, a pessoa enlutada tinha que expressar seu luto por tempo determinado, mesmo que sua dor não estivesse mais presente, porém, a partir do século XIX, essas formas de praticar o luto modificaram-se. A partir deste momento, foi possível observar que os enlutados passaram a expressar seu luto de maneira espontânea, da mesma forma que, a partir do século XX, observou-se que o luto passou a ser praticado de forma mais isolada e individual, principalmente em meio urbano. Bowlby (1980), um dos autores que contribuíram para a visão contemporânea do luto, considera o processo de luto adaptativo tanto para os seres humanos quanto para os animais, sendo por isso universal. Diante desta visão, Bowlby propôs quatro fases, sendo elas: entorpecimento ou choque, anseio e busca da figura perdida, desorganização e desespero, reorganização. Já Kubler-Ross (1996) definiu cinco fases pelas quais eles passam no processo de morrer: negação ou isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. Diferente da ideia de “fases”, Worden (1998) prefere usar o termo “tarefa”, por ser um modelo alternativo referente a evolução do processo de luto, referindo-se ao enlutado como aquele que age e é ativo

diante de seu sofrimento, ou seja, que cumpre tarefas para que tenha a sensação de que ele efetivamente possa fazer algo neste processo. Assim, Worden apresenta as tarefas: aceitar a realidade da perda, trabalhar a dor da perda, ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu, reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida. Absorvendo as mudanças culturais e das evoluções tecnológicas da sociedade, o luto começou a ser expressado também acompanhando estas inovações. Relacionada à tal evolução tecnológica, a internet tornou-se, posteriormente, um meio facilitador das relações entre pessoas, bem como da expressão de cada uma delas. Optou-se por realizar esta revisão sistemática entendendo que é de grande valia para proporcionar a compreensão para aqueles que desconhecem, ou mesmo nunca se atentaram a este fenômeno, que por vezes é a apresentação daquilo que de fato se sente quando se está em processo de luto, resultando em maior acessibilidade ao tema, sem tamanhos rodeios e receios por parte das pessoas enlutadas. Assim, espera-se como este trabalho que seja possível entender e avaliar em que nível o luto no virtual servirá de auxílio psicológico aqueles que participam dele e, a forma que poderá ser usado como ferramenta de acesso ao íntimo do indivíduo enlutado, viabilizando ou não a utilização deste recurso como facilitador na organização de possíveis intervenções do psicólogo.

**MATERIAL E MÉTODOS:** Este trabalho é uma pesquisa baseada em uma revisão sistemática de estudos científicos, de natureza quali-quantitativa, com objetivo exploratório. Tem como base estudos encontrados mais especificamente nas bases de dados: Portal de Periódicos da CAPES, SciELO, PubMed, Elsevier e Google Acadêmico. Desta forma, como critérios de inclusão estabeleceram-se: ser artigos científicos de periódicos indexados nas bases de dados Portal de Periódicos da CAPES, SciELO PubMed, Elsevier e Google Acadêmico; abordar o processo de luto, identificando suas fases, como acontecem e as possíveis consequências desta vivência, até mesmo quando o luto for mal elaborado; ser obtido através de combinações das palavras-chaves: luto virtual, luto no virtual, luto online, luto eletrônico, luto digital, luto no ciberespaço e luto na internet. Foram excluídos os artigos científicos que não tratavam da expressão do luto em ambiente virtual. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica inicial que norteou a identificação de variáveis que permitiram a elaboração de um roteiro de coleta de dados para padronizar e recolher informações dos artigos encontrados. O roteiro foi adaptado em uma planilha do Microsoft Excel na qual cada linha é preenchida com os dados extraídos dos artigos selecionados e as colunas correspondem às seguintes variáveis: autor, título do artigo, ano e classificação Qualis. A metodologia para a realização da revisão sistemática, segundo Rother (2007), baseia-se em sete passos: formulação da pergunta, localização dos estudos, avaliação crítica dos estudos, coleta de dados, análise e apresentação dos dados, interpretação dos dados e aprimoramento e atualização da revisão. É um tipo de estudo útil, segundo Sampaio et al. (2007, p. 84), para “integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinada terapêutica/intervenção, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes, bem como identificar temas que necessitam de evidência”, ou seja, consegue agrupar em grupos mais abrangentes resultados considerados relevantes, por analisar vários estudos destinados a um mesmo assunto e conseguir selecionar os dados mais relevantes para a prática estudada.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES:** O ciberespaço, segundo Gurgel et al. (2011), é um espaço que não é físico e nem territorial, composto por uma rede de computadores onde passam todas as informações, é uma dimensão da sociedade e, inovação da mesma, onde os indivíduos podem romper as regras sociais, assim como, alterar seus valores e crenças. Neste contexto surge o “luto virtual”, pois, configuraram-se no ciberespaço relações virtuais através do anonimato. Mesmo utilizando-se de personagens ou perfis para interagir, observavam-se reações de luto, considerando o fato de que alguns usuários poderiam desaparecer da rede, excluindo ou abandonando seus perfis ou avatares. Posterior a este momento, no ambiente da Internet, veio a era das redes sociais, onde o anonimato foi deixado um pouco de lado e as pessoas começaram a usar suas verdadeiras identidades, inclusive, na expressão dos acontecimentos e sentimentos cotidianos. É imprescindível levar em conta que, atualmente, segundo Fagundes (2012, p. 11) vive-se em “um mundo em que não se pode perder tempo, em que a roda da vida parece girar cada vez mais rápido, em que modas e modismos ditam a necessidade de se estar coerente”. Por

consequência desta necessidade de solucionar os impasses do dia-a-dia de forma prática e rápida, tornou-se senso comum o relato de pessoas via internet. A comodidade oferecida pelas redes sociais, hoje acessadas com facilidade pelo celular, tornou comum o fato de pessoas preferirem utilizar deste meio ao enviar recados, deixar suas opiniões, indignações e, até mesmo, prestar seus sentimentos em momentos de luto, facilitando o contato com a pessoa enlutada. Desta forma surge o que se pode chamar de “luto no virtual”, quando os indivíduos utilizam estes perfis para expressar que se encontram em processo de luto. Esta manifestação de luto pode ser considerada uma maneira de extravasar os sentimentos ou, muitas vezes, uma tentativa, mesmo que de forma ilusória, de entrar em contato com a pessoa próxima que se foi. Além disto, as redes sociais muitas vezes são vistas como meio de manter a lembrança de quem morreu, através dos momentos compartilhados nos perfis que, em sua maioria são momentos felizes de quem já se foi. A vivência do luto nos ambientes virtuais teve suas primeiras manifestações na Inglaterra e depois nos Estados Unidos. Wainstock (2013, p. 40) conta que, neste momento inicial, “trata-se do surgimento de sites que abrigam memoriais em homenagem a pessoas que faleceram. Como exemplos [...] o *Respectance* (<http://respectance.com>) e o *GoneTooSoon* (<http://www.gonetoosoon.org>)”. Ainda segundo Wainstock, estes sites possibilitavam a qualquer pessoa homenagear um ente querido que faleceu, através da criação de um perfil, com fotos, mensagens, velas virtuais e flores digitais. Segundo Gurgel (2011), o termo “luto virtual” teve uma importante aparição em 2 de agosto de 1999, quando Cose Ellis publicou, no *NewsWeek*, um artigo chamado *The Trouble With Virtual Grief: The pain that so many people feel for JFK Jr. should not be confused with the actual suffering of family and friends*. Neste texto, mostra-se que a internet se tornou um lugar privilegiado para que pessoas, anônimas ou distantes, pudessem partilhar de um processo de luto. O luto virtual aparece, em primeiro momento, como uma manifestação coletiva de um sentimento de orfandade de uma nação. Conforme o passar do tempo, outros sentidos foram somando-se a este novo termo, mas, muitas vezes se referindo à indignação política, sentimento de justiça e indignação que aparecem, por exemplo, em casos de morte de inocentes (GURGEL et al., 2011, p. 10). Bousso et al (2012) citam o termo “luto online” como o compartilhamento do luto no ciberespaço, nas comunidades virtuais e, em especial, nas redes sociais virtuais. Justifica que este fenômeno ocorre devido ao avanço das tecnologias da informação e da comunicação e que promove a desestruturação da lógica tradicional de produção, disseminação e uso das informações e conhecimentos. É possível perceber que o “luto online” de Bousso, se enquadra na categoria “luto no virtual”, onde enfatiza o uso das redes sociais como fonte de expressão de luto. Já Tomasi (2011, p. 4) utiliza, neste mesmo sentido, o termo “luto na internet”. Apesar de, ou, por causa da utilização da internet como meio de determinada liberdade de expressão, encontram-se também aqueles que, via de regra, não entendem o verdadeiro propósito deste tipo de extravasamento emocional. É necessário saber lidar com tal maneira de expressar o luto, porque a internet proporcionará que inúmeras pessoas entrem em contato com a dor do outro, e esta deverá ser respeitada. A forma como uma pessoa que não participa deste momento conseguirá olhar para a dor do outro, sem julgamentos, ou sem manifestações contrárias a perda, também influenciará no contexto aqui descrito.

**CONCLUSÃO:** Entende-se que o luto virtual é uma nova forma de expressão do luto que surgiu de acordo com os avanços tecnológicos. Partindo deste pressuposto, pode-se observar que é algo novo para a sociedade, até porque, a própria tecnologia é recente. Assim, compreende-se que é possível observar as consequências que este contato traz ao enlutado, bem como os benefícios e malefícios oriundos desta nova maneira de lidar com a dor do luto, percebido através do que está disponível na literatura científica, bem como verificar como se dá a participação do psicólogo neste contexto. Identifica-se que a literatura científica, aparentemente, não apresenta muitos estudos sobre tal assunto, por isso a importância de realizar uma revisão sistemática que aborde o luto virtual. Além disto, permite mostrar à sociedade outra forma de encarar o luto, oferecendo o entendimento do processo que se enfrenta quando a morte acontece próxima a cada indivíduo, na tentativa de contribuir para desmistificar o processo de luto, gerador de tanto medo na maioria da sociedade. Para a Psicologia, a investigação do tema proposto, tem sua importância pois permitirá observar quais os meios de participação do psicólogo no momento de luto neste novo formato, favorecendo uma melhor elaboração deste processo e, por conseguinte, a finalização do

mesmo. Com isso, poderá auxiliar em possíveis intervenções do psicólogo, não só junto ao indivíduo que sofre o luto por ter perdido alguém próximo, mas, também aquele que está passando pelo luto por si mesmo, por saber que lhe restam poucos dias de vida.

## REFERÊNCIAS

- BOUSSO, Regina Szyllit et al. Uma nova forma de luto: os efeitos da revolução tecnológica. **ComCiência**, Campinas, n. 163, p.1-6, nov. 2014. Disponível em: <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=en&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- FAGUNDES, Fabiano. **Luto no virtual**: verificação da relação entre as fases do luto e a extinção operante a partir da vivência compartilhada em uma rede social virtual. 2012. 61f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, 2012. Disponível em: <[https://www.academia.edu/2523477/LUTO\\_NO\\_VIRTUAL\\_VERIFICACAO\\_DA\\_RELACAO\\_ENTRE\\_AS\\_FASES\\_DO\\_LUTO\\_E\\_A\\_EXTINCAO\\_OPERANTE\\_A\\_PARTIR\\_DA\\_VIVENCIA\\_COMPARTILHADA\\_EM\\_UMA\\_REDE\\_SOCIAL\\_VIRTUAL](https://www.academia.edu/2523477/LUTO_NO_VIRTUAL_VERIFICACAO_DA_RELACAO_ENTRE_AS_FASES_DO_LUTO_E_A_EXTINCAO_OPERANTE_A_PARTIR_DA_VIVENCIA_COMPARTILHADA_EM_UMA_REDE_SOCIAL_VIRTUAL)>. Acesso em: 09 mar. 2016.
- GURGEL W. B., KOVACS M. J., MOCHEL E. G., NAKASU C. T., PORTUGAL P. K. P. Luto virtual: o processo de elaboração do luto no ciberespaço. **Cadernos de Pesquisa**, v. 18, n. 1. São Luís: 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/411/261>>. Acesso em: 12 mar. 2016.
- KUBLER-ROSS, Elisabeth (Ed.). **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X Revisão narrativa. **Redalyc.org**, São Paulo, v. 20, n. 2, p.1-3, abr./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307026613004>>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- SAMPAIO, RF; MANCINI, MC. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, Fev. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-35552007000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- TOMASI, Juliana Massucheti. Com choros, súplicas e comoções: o luto nos perfis pessoais de falecidos na rede social do Orkut no Brasil (2004-2011). **Percursos**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p.271-303, dez. 13. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724614272013271/3027>>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- WAINSTOCK, Betty Carakushansky. **Filhos que vão, pais que ficam**: A web como recurso de comunicação durante o luto. 2013. 136f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912872\\_2013\\_completo.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912872_2013_completo.pdf)>. Acesso em: 09 mar. 2016.
- WORDEN, J. W. **Terapia do Luto**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.